

Capítulo 1

Russell e Hitler

Russell tocou muitos instrumentos, em sua maldade. As suas propostas de genocídio, especialmente contra as populações de pele mais escura que a da presumida raça superior anglo-saxônica da Sociedade Vril, têm o mesmo caráter satânico e retratam melhor a sua crueldade do que o seu plano de ditadura mundial por meio do terrorismo nuclear. Ele foi também um charlatão selvagem, que exerceu influência destruidora na filosofia e nas ciências naturais. Ele não era nem mesmo legitimamente britânico - não há neste crápula um grama de preocupação com o bem-estar dos habitantes do Reino Unido. Não há neste século outro representante da filosofia liberal, nem mesmo criaturas tão perversas como Sigmund Freud ou Theodor Adorno¹⁵, que tenham representado a encarnação viva de Satã de modo tão sistemático como o Mefistófeles do século 20, o maligno Russell.

Não obstante, em cada parte do espectro intelectual que ele infestou em um ou outro momento de sua vida, ainda há incautos que consideram esse crápula rematado uma pessoa respeitável, ou até mesmo um grande pensador. Como é possível que a Civilização tenha caído tanto, que muitos integrantes da presumida intelectualidade mundial exibam a falta de vergonha intelectual, e até moral, de professar por tal criatura o que comumente se entende por “respeito”?

Consideremos algumas passagens cruciais dos escritos racistas de Russell, anteriores e posteriores à Segunda Guerra Mundial. Estes textos mostram a verdadeira natureza moral do propósito ao qual Russell dedicou o dogma da chantagem nuclear, que ele e Leo “Dr. Fantástico”

15. Sobre Adorno e a influência da Escola de Frankfurt, ver Michael J. Minnicino, “The New Dark Age: The Frankfurt School and ‘Political Correctness’”, *Fidelio*, Vol. I, No. 1, Winter 1992. Ver também, do mesmo autor, “The Nazi-Communist Roots of Modernism”, *Fidelio*, Vol. II, No. 2, Summer 1993.

Szilard legaram aos seus seguidores, como Robert Strange McNamara, o “contador de cadáveres” da Guerra do Vietnã¹⁶ e Henry Kissinger, este autoproclamado agente do Ministério das Relações Exteriores britânico¹⁷.

Este autor chegou a essa conclusão sobre Russell em 1978. Foi uma conclusão que emergiu passo a passo, a partir dos anos 50. As provas irrefutáveis se acumularam nos decênios seguintes, uma após a outra. Em 1978, compartilhei a conclusão com dois colaboradores, que escreveram em 1980 um livro que documentou a natureza perversa de Russell¹⁸. De 1978 a 1980, o objetivo era mostrar as coisas horríveis pelas quais a Humanidade passava neste século, as quais não teriam ocorrido se não fosse o influente e profundamente maligno papel de Russell como um pacifista utópico, federalista mundial e racista anglo-saxão de franca inclinação genocida.

Todas as citações a seguir figuram em um dos capítulos do livro de 1980. Começamos com o Bertrand Russell do começo dos anos 20, que acabava de voltar à Grã-Bretanha, depois de cumprir a sua tarefa de doutrinar muitos dos futuros líderes da China comunista¹⁹. Vejamos a seguinte pérola do tesouro dos sentimentos do pacifista liberal Russell,

-
16. Robert S. McNamara (1916-). Em famoso discurso pronunciado em Washington, no fim de 1982, o Dr. Edward Teller enfatizou que a letra “S”, inicial do segundo nome do ex-secretário de Defesa dos EUA, quer dizer “Strange” (Estranho), como foram suas opiniões e ações no exercício do cargo e depois. Teller se referia à loucura que representa o fervor com que McNamara apoiou a “destruição mútua assegurada”.
 17. Em reconhecimento aos serviços prestados à Coroa britânica, Henry Kissinger, ex-secretário de Estado dos EUA, pronunciou em 10 de maio de 1982 um discurso comemorativo da fundação, em 1782, por Jeremy Bentham e lorde Shelburne, do serviço de inteligência exterior da Grã-Bretanha. Perante o público reunido na Chatham House, sede do Instituto Real de Assuntos Internacionais (RIIA), Kissinger se jactou de que sempre estivera do lado britânico, contra os EUA, em disputas como as que houve entre o presidente Roosevelt e Winston Churchill, e o ilustrou com o fato de que ele mesmo atuara por trás dos presidentes Nixon e Ford, quando fora secretário de Estado (1973-77). A carreira de Kissinger no serviço diplomático dos EUA começou sob a direção do professor William Yandell Elliot, da unidade de Chatham House na Universidade de Harvard, Wilton Park, continuando sob o patrocínio do Instituto Tavistock de Londres e, depois, no Conselho de Relações Exteriores de Nova York (CFR), com o patrocínio de McGeorge Bundy. Desde então, Kissinger tem servido aos interesses britânicos dentro e fora das Conferências Pugwash da Sociedade Fabiana, promovendo o programa de longo prazo de Bertrand Russell para transformar a ONU num governo mundial tirânico. Ver excertos do discurso de Kissinger em Chatham House nas notas 60 e 87.
 18. Carol White, *The New Dark Ages Conspiracy*, New Benjamin Franklin House, New York, 1980, pp.11, 172-174, 183.
 19. Ver Ronald Clarke, *The Life of Bertrand Russell*, Alfred Knopf, New York, 1976, p. 389.

tirada do livro *Perspectivas da civilização industrial*²⁰, escrito em 1923:

“O socialismo, especialmente o internacional, só será possível como sistema estável se a população deixar de crescer, ou quase. Um aumento lento poderia sanar-se com melhorias nos métodos agrícolas, mas um aumento rápido terminará por submeter toda a população à miséria...A população branca do mundo logo deixará de crescer. As raças asiáticas demorarão mais, os negros ainda muito mais, antes que o ritmo dos nascimentos caia o suficiente para estabilizar seu número sem ajuda da guerra e da peste...Enquanto isto não acontecer, os benefícios que o socialismo busca só se lograrão parcialmente e as raças menos prolíficas tenderão a se defender das mais prolíficas por métodos que, embora repugnantes, são necessários.”²¹

Adolf Hitler, em seu *Generalplan Ost*, de 1941, para ocupar a Rússia e outras regiões da Europa Oriental, pôs em prática precisamente essa repugnante política de Russell²². De modo que, em 1945, identificamos as conseqüências dos dogmas empiristas de Russell com as expressões apropriadas de “genocídio”, “holocausto” e “crimes contra a Humanidade,” cometidos durante a guerra em Auschwitz e outros lugares da Europa Oriental:

“Nas áreas em questão, temos que promover uma política deliberada de população negativa. Com campanhas de propaganda, especialmente na imprensa, rádio, filmes, comunicações, folhetos, conferências e congêneres, deve-se induzir a população a pensar em quão danoso é ter muitos filhos. Temos que assinalar os custos provocados pelos filhos e, em seguida, deve-se enfatizar tudo o que poderia ser comprado, em lugar deles. Pode-se enfatizar os grandes perigos para a saúde da mulher ocasionados pelos nascimentos etc.

Além disso, deve-se difundir profusamente propaganda em favor dos métodos de redução da natalidade. Deve-se criar uma

20. Bertrand Russell, *Prospects of Industrial Civilization*, George Allen & Unwin, London, 1923 (edição brasileira: *Perspectivas da civilização industrial*, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1979).

21. *Ibid.*, p. 273.

22. Ver “Stellungnahme und Gedanken zum Generalplan Ost des Reichsführer SS”, redatado por Erhard Wetzel, chefe do departamento de assuntos raciais do Ministério de Assuntos Ocidentais do Reich, dirigido por Alfred Rosenberg, Geheime Reichssache, Dokument Nr. 2 (Alliiertes Dokument NG-2325), citado em Helmut Heiber, “Der Generalplan Ost”, *Vierteljahreshfte für Zeitgeschichte*, Heft 3, 1958.

indústria especializada em tais meios. Não se deve castigar nem a aprovação nem a distribuição dos meios de redução da natalidade, nem o aborto. Temos, absolutamente, que promover a criação de instituições de abortos. Devem-se adestrar parteiras e médicos para que pratiquem abortos. Quanto mais profissionalmente se executem os abortos, maior será a confiança da população a respeito. Obviamente, aos médicos também se deve permitir realizar abortos, sem discutir se isto é uma violação do juramento médico.

Igualmente, deve-se promover a esterilização voluntária. Não se deve combater a mortalidade infantil. Às mães não devem ser instruídas sobre os cuidados para com os recém-nascidos, nem sobre as enfermidades da infância... Uma vez que tenhamos convertido a massa da população à idéia de um sistema de só um ou dois filhos, teremos conquistado a meta a que nos propusemos...²³

Com todas essas provas à mão, a única coisa que nos impede de rotular como Russell e seus correligionários liberais dos EUA de “neonazistas”, como os círculos eugênicos das famílias Harriman e Bush, de 1932, é que essas idéias de Adolf Hitler foram copiadas de seus admiradores britânicos e estadunidenses dos anos 30, como Montagu Norman, pai de Sir Peregrine Worsthorne, Prescott Bush, pai de George Bush, e outros admiradores não-alemães de Hitler, que autorizaram e financiaram o golpe de Estado que o colocou no poder na Alemanha, em 1933²⁴. Seria mais apropriado catalogar Adolf Hitler como um seguidor exemplar de Bertrand Russell.

Nem sequer a revelação dos horrores dos campos de concentração nazistas refrearam Russell, que continuou exibindo descaradamente a sua falta de vergonha. Vejamos estas pérolas de um de seus livros do pós-guerra, *O impacto da ciência na sociedade*, escrito em 1951:

“Mas alguém dirá que os maus tempos são excepcionais e que podem ser enfrentados com métodos excepcionais. Isto foi mais ou menos certo durante a lua de mel do industrialismo, mas deixará de ser certo, a menos que se possa diminuir o aumento da população. Atualmente, a população do mundo cresce à razão de cerca de 58.000 indivíduos por dia. A guerra, até agora, não teve grande efeito neste crescimento, que continuou ao longo de cada uma das duas guerras mundiais...A guerra... até agora, foi decepcionante, neste

23. Ibid., p. 317ss.

24. Ver Webster G. Tarpley e Anton Chaitkin, *George Bush: The Unauthorized Biography*, Executive Intelligence Review, Washington, 1992, pp. 26-62.

aspecto...mas, talvez, a guerra bacteriológica seja mais efetiva. Se uma Peste Negra se propagasse uma vez a cada geração, os sobreviventes poderiam procriar livremente, sem encher demasiadamente o mundo...A situação, seguramente, seria algo desagradável, mas o que importa? As pessoas realmente nobres são indiferentes à felicidade, sobretudo à felicidade dos demais.”²⁵

Ouçamos o que disse o pacifista Russell numa entrevista à BBC, em 1959, quatro anos depois que Khrushov, secretário-geral do Partido Comunista da URSS, enviou quatro emissários à reunião de 1955 dos Parlamentares Mundiais por um Governo Mundial, entidade criada por Russell. Os emissários soviéticos haviam elogiado publicamente Russell, em nome de Khrushchev, e haviam entabulado negociações subseqüentes com ele, em busca do condomínio nuclear promovido por criaturas das conferências de Pugwash, como Leo Szilard e o agente de influência do serviço exterior britânico Henry Kissinger:

BBC: É certo ou errado que, há alguns anos, o senhor propôs a guerra nuclear preventiva contra o comunismo, contra a Rússia Soviética?

Russell: É totalmente certo, e não me arrependo disto. Não era inconsistente com o que penso agora...Houve uma época, em seguida à guerra, na qual os estadunidenses tinham o monopólio das armas nucleares e ofereceram internacionalizar as armas nucleares por meio da proposta Baruch, e me pareceu que esta proposta era extremamente generosa, e que seria desejável que o mundo a aceitasse. Não é que eu defendesse uma guerra nuclear, mas eu pensava que se devia pressionar a Rússia para que aceitasse o Plano Baruch, e pensava que, se eles continuassem se negando a aceitá-lo, seria necessário ir à guerra. Naquela época, as armas nucleares só estavam nas mãos de um dos lados e, portanto, era mais provável que os russos cedessem. Eu esperava que eles cedessem...

BBC: Suponhamos que não tivessem cedido.

Russell: Eu pensava e esperava que os russos cedessem, mas, obviamente, não se pode ameaçar, a menos que se esteja disposto a cumprir as ameaças.”²⁶

Nessas e em outras declarações públicas de Russell, há três temas constantes: 1) um racismo tão virulento como o de Adolf Hitler; 2) um

25. Bertrand Russell, *The Impact of Science on Society*, Simon and Schuster, New York, 1953, pp. 102-104 (edição brasileira: *O impacto da ciência na sociedade*, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1979).

26. Citado em Bertrand Russell, *The Future of Science, and Self-Portrait of the Author*, Philosophical Library, New York, 1959, pp. 81-83.

ódio à moderna civilização européia, semelhante ao manifestado pelo ideólogo socialista aristocrático-feudalista John Ruskin; 3) o empenho obsessivo e utópico em mergulhar a Civilização numa paródia do feudalismo pré-renascentista, ou, às vezes, na barbárie pré-civilizada. Ninguém pode deixar de notar tais aspectos nas manifestações públicas de Russell, como os famosos títulos que citamos aqui.

Se, após a leitura das passagens relevantes de seus livros, ainda restassem dúvidas sobre o racismo de Russell, pode-se comparar o que ele publicou em 1923 com os comentários que fez em 1914 sobre os estadunidenses negros, em uma carta escrita a Ottoline Morrel, sobre a visita que fez aos EUA:

Eu acho a gente de cor amistosa e amável. Eles parecem sentir pelos brancos o mesmo afeto que um cachorro, a mesma confiança e o mesmo sentimento de inferioridade resignada. Não sinto nenhum afastamento por parte deles.²⁷

Os escritos de Russell estão impregnados de ódio à civilização européia dos últimos seis séculos, à maneira dos textos da Sociedade Pré-Rafaelista de John Ruskin. Seus livros *O problema da China*²⁸ e *Perspectivas da civilização industrial*, publicados em 1923, estão repletos de erupções da sua neurótica obsessão petulante a este respeito. Uma passagem do seu mencionado livro de 1951 constitui um exemplo típico de tais surtos. Nela, ele profetiza que, sob a influência de seus dogmas utópicos,

(...) os atuais centros populacionais urbanos e industriais ficarão abandonados e seus habitantes, caso ainda vivam, terão regressado ao árduo trabalho campesino de seus antepassados da Idade Média.²⁹

Entres os séculos 16 e 18, os banqueiros venezianos que definiam a política do governo inglês criaram um novo setor da aristocracia feudal e da nobreza financeira britânica moderna, das quais Russell e seus antepassados são exemplo. Em sua qualidade de herdeiro do título de conde de Russell e neto do mesmo lorde John Russell que foi cúmplice de Palmerston e dirigiu a insurreição dos Confederados contra os EUA de

27. Ver Ronald Clarke, *op. cit.*, p. 229.

28. Bertrand Russell, *The Problem of China*, The Century Co., New York, 1922.

29. Russell, *Impact...*, pp. 102-103.

Lincoln³⁰, o pré-nazista Bertrand Russell reflete sobre o seu ódio à civilização moderna, odiando os EUA com a mesma paixão “metternichiana” demonstrada nas últimas quatro décadas pelo agente da inteligência britânica Henry Kissinger³¹. O seguinte trecho do já citado livro de 1951 é exemplar:

(...) quando me tornei politicamente consciente, Gladstone e Disraeli ainda se enfrentavam em meio à estabilidade vitoriana, o Império Britânico parecia eterno, era inconcebível uma ameaça à supremacia naval britânica, o país era aristocrático, rico e cada vez mais rico... Para um homem de idade, com tais antecedentes, é difícil sentir-se à vontade num mundo de... supremacia estadunidense.³²

Tais idéias não eram peculiares a Russell. Elas eram plenamente compartilhadas pelo obstinado plebeu que foi chefe da inteligência exterior britânica, o fabiano H.G. Wells, que tinha aversão aos “Morlochs”, cúmplice de Russell e, às vezes, seu rival faccional³³. Não se tratam de simples atavismos aristocráticos; Wells era um homem cujas aspirações à condição social de picaresco são tão irrepreensíveis como as de outros desgraçados de mentalidade semelhante, como Adolf Hitler, herói do Congresso Eugênico de Nova York, em 1932³⁴, ou o Henry Kissinger que elaborou o programa nazistóide do “Memorando-Estudo de Segurança Nacional 200”, em 1974³⁵.

-
30. Ver “Lord Palmerston’s multicultural zoo”, *Executive Intelligence Review*, Vol. 21, No. 16, 15/4/1994, pp. 3-35. A matéria é constituída de nove artigos sobre o tema, baseados nas exposições feitas durante a conferência do Instituto Schiller e da Junta Internacional de Comitês Laborais, em 19-20 de fevereiro de 1994, em Washington.
31. Henry Kissinger, *A World Restored: Metternich, Castlereagh and the Problems of Peace 1812-1822*, Houghton Mifflin, Boston, 1957, *passim* (edição brasileira: *Um mundo restaurado*, José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1973).
32. Russell, *Impact*, p. 108.
33. Os “morlochs” aparecem na novela de Wells, *A máquina do tempo*, publicada em 1895, na qual a raça humana futura se divide em duas espécies diferentes, os elóis, fisicamente belos e os monstruosos morlochs. Segundo o protagonista, que vive na época de Wells, “a ampliação gradual da diferença, hoje meramente temporal e social, entre os capitalistas e os trabalhadores, explica toda a situação”. O narrador assegura que os trabalhadores britânicos involuíram para a condição de bestas subterrâneas de maneira estritamente darwiniana. A idéia de Wells sobre a bestialidade essencial do homem é também tema central dos seus livros *A Ilha do Doutor Moreau* (1896) e *O homem invistível* (1897).
34. Tarpley e Chaitkin, *op. cit.*
35. Tal memorando, que deixou de ser secreto há pouco tempo, define a redução do crescimento da população do Terceiro Mundo, particularmente de algumas “nações-chaves”,

Essas idéias representam as forças do mal contra as quais este autor lutou nos anos 60, idéias que arrastaram um grande setor da juventude que participava do movimento contra a Guerra do Vietnã e da “contracultura” do rock, das drogas e da “libertação sexual”. Eram as idéias do “pacifista” Bertrand Russell e seus comparsas; eram também as idéias que muitos partidários da “nova esquerda” dos anos 60 atribuíram com razão aos seguidores da Escola de Frankfurt de George Luckacs, Herbert Marcuse, Sigmund Freud, Walter Benjamin, Theodor Adorno, Hannah Arendt e seu ex-amante, o filósofo oficial nazista Martin Heidegger³⁶.

Elas eram também conhecidas como as idéias educativas de Kurt Lewin e de seus Laboratórios Nacionais de Treinamento (NTL), assim como dos ideólogos da Associação Nacional de Educação (NEA), que estavam sob a influência daqueles³⁷. De 1969 a 1971, esse setor da “nova esquerda” dos anos 60 foi reprogramado por seus mestres “reichianos” e de outras terapias de grupo, para que se convertesse na perversidade polimorfa da “Coalizão Arco-íris”, do início dos anos 70.

Muitos dos agora envelhecidos remanescentes do movimento juvenil da “contracultura” do rock, das drogas e da perversão sexual dos anos 60 entraram nos 70 convertidos à “Coalizão Arco-íris”, base de apoio da política demográfica nazista do Clube de Roma, derrotada na conferência da ONU em Bucareste, no verão de 1974³⁸. Hoje, depois de

como uma questão de segurança nacional para os EUA, pelo seu interesse nos recursos naturais destas nações, de modo que seus povos não consumam os recursos antes que os EUA possam necessitar deles. Ver “Implications of Worldwide Population Growth for U.S. Security and Overseas Interests”, National Security Study Memorandum 200 (NSSM-200), 10/12/1974 (inédito, pode ser consultado nos Arquivos Nacionais dos EUA, Washington, D.C.).

36. Sobre esses personagens da Escola de Frankfurt, ver Michael J. Minnicino, *op. cit.*
37. A história dos Laboratórios Nacionais de Treinamento, criados por Kurt Lewin, pode ser vista em Kurt Back, *Beyond Words: The Story of Sensitivity Training and the Encounter Movement*, Russell Sage, New York, 1972. Richard Freeman faz um exame mais crítico de Lewin em “Rockefeller’s Fascist Labor Policies”, *The Campaigner*, Vol. 7, No. 7, May 1974. As relações de Lewin com a Associação Nacional de Educação (NEA) são descritas no folheto “Will you Allow your Child to be Spiritually Molested?: Get the ADL-NEA Brainwashers out of the Schools”, publicado por *The New Federalist*, Leesburg, Virginia, agosto de 1993.
38. Helga Zepp-LaRouche encabeçou uma delegação da Junta Internacional de Comitês Laborais (ICLC), organização fundada por Lyndon LaRouche, para denunciar essa política nazistóide na própria conferência. Ver “Rockefeller Blasted at U.N. Meeting”, *The New Solidarity*, Vol. V, No. 42, 31/8/1974. Ver também Lyndon LaRouche, *The Power of Reason 1988*, Executive Intelligence Review, Washington, 1987, p. 289.

20 anos de desgaste, as fileiras das gerações anteriores à “nova esquerda”, que, em 1974, resistiram com sucesso àquela política, se reduziram. No momento em que a Conferência do Cairo da ONU ameaça o pouco que resta de decência moral no planeta, o número cada vez menor de portadores da herança moral da civilização européia está quase a ponto de ser superado pelas hordas multiculturalistas, que seguem as idéias satânicas de Bertrand Russell, Theodor Adorno e Martin Heidegger, filósofo de Adolf Hitler.

De onde Russell copiou suas idéias

Nas décadas de 20, 30 e 40, a menos que se houvesse estudado os textos de Russell anteriormente citados ou que se fosse um especialista em certos ramos da matemática, Bertrand Russell era visto como nada mais que um notório britânico excêntrico com uma inclinação para manifestações lascivas. Este autor passou a adolescência mergulhado nas controvérsias entre os principais filósofos ingleses, franceses e alemães dos séculos 17 e 18, antes de topar, no final dos anos 30, com uma das obras curtas de Russell. Desde então, e até meados dos 50, ele foi deixado de lado como trivial, um Voltaire em um dia tedioso.

Então, quase duas décadas após, os textos matemáticos e escritos correlatos de Russell foram examinados de maneira mais sistemática. No final dos anos 70, este autor se deu conta dos monstruosos efeitos da influência contínua de Russell. O efeito combinado de perceber a superficialidade de seu pensamento e as consequências perversas de sua influência levou à idéia de que, talvez, o caminho do inferno esteja pavimentado por trivialidades. Para ser mais preciso, o autor se deu conta de que a prática do mal com sucesso provoca o encolhimento das qualidades criadoras do intelecto, as quais colocam o indivíduo humano absolutamente aparte e acima de todas as espécies animais.

Para entender Russell, deve-se começar compreendendo que suas obras publicadas não contêm nada de veras original, afóra novidades do mesmo gênero das que se acham nas obras do marquês de Sade. Se limitarmos a discussão às questões essenciais, não há nele nada essencial que não seja uma repetição do que escreveu Jeremy Bentham, fundador do serviço de inteligência exterior britânico, há mais de 200 anos.

Entendido isso, já não nos assombra que a maldade consumada de Bertrand Russell, como a de seu inspirador Giammaria Ortes, se

apresente como um monte de sentimentos empiristas superficiais. Seu Mefistófeles é um britânico pedante e superficial, que recita partes das trivialidades de Bacon, Locke e Hume; é o Mefistófeles de Goethe no sótão de Auerbach, discorrendo hipocritamente sobre a natureza de uma pulga.

Por acaso, a natureza do mal é ilustrada por um engano que nos fizesse imaginar, seja por um momento, que um fantoche em escala natural, engenhosamente construído e programado, é um amigo íntimo que acreditávamos morto e que voltou a viver? Passado este momento, saboreamos a espantosa amargura de semelhante realidade virtual, a sensação do princípio do mal: que esse finíssimo fantoche, esse boneco de corda, demonstra o princípio do legendário *Schlemiel* do professor de Pádua Pietro Pomponazzi, um pobre autômato sem alma própria³⁹.

A visão mais clara do autor sobre Russell surgiu em meados dos anos 50, ao reconhecer que há uma perversidade peculiar envolta na enganosa superficialidade do que ele diz. Certo, toda a algaravia sentimental de Russell, em nome da filosofia ou das matemáticas, não é mais que um jorro de sofismas superficiais, em sua maior parte meras injúrias mesquinhas e maliciosas contra a reputação de Leibniz e Georg Cantor. Em comparação com Immanuel Kant, contra o qual o autor se digladiou na adolescência em defesa da *Monadologia* de Leibniz, o método filosófico de Russell consistia em parodiar toscamente os sofismas eleáticos que Platão atacou tão devastadoramente em seu diálogo *Parmênides*⁴⁰. Lendo alguns escritos dos cúmplices intelectuais de Russell, o autor compreendeu que o mote da maior parte de sua produção literária, bem como a de Carnap, Korsch e do patético Wittgenstein, todos eles malignos sofistas, era dizer um ao outro como eram diabolicamente hábeis. Esta trivialidade pedante também pode ser reconhecida como maldade.

Visto com objetividade rigorosa, Russell é um tedioso satânico. Precisamente nisto está a qualidade de monge veneziano que tornou Russell, da mesma forma que Giammaria Ortes no século 18, tão perigosamente influente entre aqueles cujo conceito psicosssexual próprio, deteriorado enquanto estudiosos, se coloca nas fantasias que se originam da cintura para baixo. É na influência dominante de Ortes no pensamento de seus contemporâneos britânicos Adam Smith, Jeremy Bentham e Thomas Malthus que se encontram os elementos fundamentais para

39. Ver a nota 2.

40. Platão, *Parmênides*, tradução de Carlos Alberto Nunes, Universidade Federal do Pará, Belém, 1974.

entender Russell e sua peculiar influência sobre as maiores insanidades do século que finda.

Ele é exemplo de um *tipo*⁴¹ estéril, estritamente definível, de imperialista britânico que, coletivamente, não fez nenhum descobrimento original de princípio científico em 250 anos. Este *tipo* específico ganhou vida na camarilha ditatorial do famoso William Petty, segundo duque de Shelburne, na segunda metade do século 18⁴². Esta camarilha, conhecida como os radicais do “Partido Veneziano”⁴³ governou a Grã-Bretanha, o Império Britânico e, depois, a ONU até os nossos dias, desde a emergência

-
41. A palavra *tipo* é aqui usada no sentido empregado por Georg Cantor, ou seja, por exemplo, encontrar um número de acordo com o “princípio gerador” que governa tudo sempre que tal número ocorrer dentro da série. Para ilustrar melhor, consideremos a longitude da hipotenusa de um triângulo retângulo 3,4,5. Este “5” é inteiro, quer dizer, membro da série de números racionais? Claro que não, já que este “5” era conhecido dos gregos clássicos pelo teorema de Pitágoras, no qual a hipotenusa é um incomensurável, ou seja, um número quadrático “5,000...0...”, não o “5” da série dos inteiros. Nas matemáticas em geral, por exemplo, conhecemos mais de quatro espécies de cardinalidades: racional, algébrica, “não-algébrica” ou transcendental, e os *alefs*, desde *alef 1*, *alef 2*,... Cada uma destas espécies distintas de cardinalidades representa um princípio gerador diferente, um *tipo* diferente. O mesmo princípio se aplica também às comparações entre séries de acontecimentos ou entre séries de idéias.
42. William Petty, segundo conde de Shelburne (1737-1805), primeiro-ministro da Grã-Bretanha de 1º de julho de 1782 a 24 de fevereiro de 1783. Em sua qualidade de ministro do governo de Rockingham e depois como primeiro-ministro, organizou o primeiro tratado secreto de paz com os EUA e França, do qual uma das condições era a adoção da nova moda dogmática de Adam Smith, o “livre comércio”. Como primeiro-ministro, criou o serviço exterior britânico e colocou Jeremy Bentham como chefe do serviço britânico de inteligência estrangeira. Tornou-se o homem mais poderoso da Grã-Bretanha nas últimas décadas do século 18, mais ou menos desde que Jorge III subiu ao trono (1760). Foi o principal representante da Companhia das Índias Orientais e da casa bancária Barings, ou seja, do poder que sustentava William Pitt, o Jovem (primeiro-ministro em 1783-1801 e 1804-1806). Por razões históricas peculiares, é comum que os livros-texto omitam diligentemente o nome de Shelburne, quando se relatam os acontecimentos importantes da história britânica, precisamente, aqueles em que ele desempenhou o papel central. Por esta razão, é confundido às vezes com o também poderoso sir William Petty, seu avô, que viveu de 1623 a 1687 e foi importante personagem das décadas da Restauração Stuart. Além de ser o controlador de William Pitt, o Jovem e, segundo se diz, até do rei, Shelburne dirigia personagens como Adam Smith, Jeremy Bentham, Edward Gibbon e Thomas Malthus. Foi Shelburne que renovou a Grã-Bretanha, para que ela se tornasse um império mundial, tendo impresso na casta governante britânica a mentalidade radical às vezes denominada, de maneira despistadora, radicalismo filosófico britânico *do século 19*.
43. No campo da filosofia, o acontecimento mais célebre, que define a passagem do empirismo de Locke e dos liberais de Walpole ao radicalismo filosófico britânico, é o aberto rompimento de Immanuel Kant com seu antigo mentor, David Hume, como aquele o indica no prefácio à primeira edição de sua *Crítica da razão pura* e como esclarece

de lorde Shelburne, no decorrer da luta pela independência das colônias inglesas da América (1763-83), ocupando os níveis supremos do poder político real na monarquia imperial britânica. Bertrand Russell, enquanto viveu, foi um cão veneziano de pedigree do mesmo *tipo* de Shelburne.

Consideremos quatro das personalidades mais destacadas do radicalismo filosófico britânico do final do século 18, todos lacaios políticos da Companhia das Índias Orientais britânica: Adam Smith, o suposto economista; Jeremy Bentham, o primeiro chefe do serviço de inteligência exterior da Grã-Bretanha; Edward Gibbon, o historiador; e Thomas Malthus, o plagiador. Salvo Gibbon, todos copiaram as idéias que os tornaram famosos de um influente monge veneziano chamado Giammaria Ortes (1713-90). Não há nada na obra dos principais liberais britânicos do século 19 - James Mill, John Stuart Mill, Charles Darwin, William Jevons, Thomas Huxley, John Ruskin etc. - que não derive diretamente desses lacaios de Shelburne ou da obra de agentes do serviço de inteligência veneziano do século 18, como Ortes.

Por sua vez, não há nada essencial nos escritos de Russell que não provenha dessas fontes. Entenda o leitor isto e entenderá Russell. Entenda Russell desta maneira e entenderá os últimos 600 anos da história européia e mundial; e, então, começará a entender os aspectos mais importantes do século que finda.

Eis o exemplo de Malthus. Seu famoso livro de 1798, *Ensaio sobre a população*⁴⁴ não foi senão uma versão expurgada do livro de Giammaria Ortes *Riflessioni sulla popolazione delle nazione* (Reflexões sobre a população das nações), publicado em 1790⁴⁵. Por sua vez, Charles Darwin

em seus *Prolegômenos a uma metafísica do futuro*. Embora, na construção de seu empirismo, John Locke fosse formalmente um positivista radical, como foram anteriormente Francis Bacon e Thomas Hobbes, Locke moderou a sua política com um cauteloso respeito aos costumes. Também David Hume adotou inicialmente tal posição. Neste assunto, Kant seguiu a Locke e ao Hume relativamente mais jovem. Na *Crítica da razão prática*, especialmente na seção final, "A dialética da razão prática", mostra a sua adesão a esta linha. Mais tarde, quando Hume modificou as suas idéias sobre os costumes para adotar um ponto de vista mais radical, assemelhado ao de Ortes, Adam Smith e Bentham, Kant viu-se forçado a romper abertamente com ele. Falarei mais a esse respeito. O rompimento de Kant com Hume define a singularidade que separa o velho empirismo de Locke do radicalismo filosófico britânico dos lacaios de Shelburne, assim como da família Huxley e de Russell. Ver a Nota 154.

44. Thomas R. Malthus, *An Essay on Population* (1798), E.P. Dutton and Co., New York, 1960 (edição brasileira: *Um ensaio sobre a população*, Editora Nova Cultural, São Paulo, 1996).
45. Giammaria Ortes, *Riflessioni sulla popolazione delle nazioni per rapporto all'economia nazionale* (Veneza, 1790). Os escritos econômicos de Ortes, entre ou-

admite que suas agora célebres idéias brotaram da superposição arbitrária do livro de Malthus com a desventurada biologia⁴⁶. Ortes, por sua vez, tomou emprestada a idéia, não somente de um berlinense contemporâneo, Maupertuis⁴⁷, mas também de um veneziano do século 16, chamado Giovanni Botero⁴⁸. Estritamente falando, nenhum destes trabalhos se pode considerar de veras original: a doutrina já havia sido expressa, com todos os detalhes, como política demográfica, nos decretos do imperador romano Diocleciano⁴⁹.

A mesma dívida com Ortes têm o livro de Adam Smith *Teoria dos sentimentos morais*, de 1759, e todo o outro, *A riqueza das nações*⁵⁰.

tros, foram reimpressos em *Scrittori classici italiani di economia politica*, P. Custodi (ed.), G.G. Stefanis, Milano, 1803-16. Mais sobre Ortes nas notas 56, 85 e 241.

46. Darwin escreve, em sua autobiografia: "Em outubro de 1838 - ou seja, 15 meses depois de ter iniciado os meus estudos sistemáticos -, aconteceu que, por passatempo, li o livro de Malthus sobre população e, bem preparado como estava, a partir de minhas prolongadas observações dos hábitos dos animais e das plantas, para apreciar a luta pela existência que ocorre em todas as partes, de imediato me ocorreu que, nestas circunstâncias, as condições favoráveis tenderiam a conservar-se e as desfavoráveis a destruir-se. O resultado disto seria a formação de novas espécies. Tinha por fim uma teoria com a qual trabalhar." Citado em Christopher Ralling, *The Voyage of Charles Darwin*, Mayflower Books, New York, 1979, p. 169.
47. Pierre-Louis Moreau de Maupertuis (1698-1759). Matemático e astrônomo francês, membro da Academia de Ciências (1723), introduziu na França a doutrina da gravitação de Newton (1731). Reorganizou a Academia de Ciências de Berlim a partir de 1744 e foi seu presidente de 1746 a 1759. Causou controvérsia pública quando apresentou como descoberta própria o "princípio de ação mínima" de Leibniz, nos trabalhos "Pesquisa sobre as leis do movimento" (1746) e "Ensaio sobre a cosmologia" (1750). Seu "Ensaio de filosofia moral" (1749), contém o "cálculo hedonista" adotado por Ortes e depois por Bentham.
48. Giovanni Botero, *Della ragion di stato* (1588, traduzido para o inglês em 1606). Ver o apêndice "Das causas da grandeza e magnificência da cidade", onde expõe a sua teoria da população. Botero foi personagem dos círculos do famoso Paolo Sarpi. Além da sua teoria da população, é célebre pelos ataques que fez à obra de Nicolau Maquiavel, em seu trabalho *De regia sapientia* (1581).
49. Os decretos de Diocleciano e outros imperadores podem ser vistos no *Codex Theodosianus: Theodosiani Libri XVI cum Constitutionibus Sirmondianis*, editado por T. Mommsen (Weidmann, Berlin, 1962). Os desastrosos resultados das medidas de Diocleciano são relatados em Tenney Frank, *An Economic History of Rome*, Johns Hopkins, Baltimore, John Hopkins, 1927, cap. XXII. Ver também Stephen Williams, *Diocletian and the Roman Recovery*, Methuen, New York, 1985.
50. Adam Smith, *An Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of Nations* (1776); *The Wealth of Nations*, R.H. Campbell and A.S. Skinner (eds.), Oxford University Press, London, 1979 (edição brasileira: *Uma investigação sobre a natureza e as causas da riqueza das nações*, Editora Hemus, São Paulo, 1981; também na Coleção Os Pensadores, Editora Abril, São Paulo, 1983).

A influente obra de Ortes sobre economia, pela qual foi elogiado pelo agente de influência britânico Karl Marx⁵¹ é o seu segundo livro sobre o tema, *Della economia nazionale libri sei* (Sobre a economia nacional - livro seis), publicado em 1777. Maior importância tem o livro de Bentham *Princípios de moral e de legislação*⁵², sua exposição do que se denomina “cálculo do gozo” ou, de maneira mais explícita, “cálculo hedonista”. A obra de Bentham se deriva inteiramente dos trabalhos publicados de Ortes. Todo o radicalismo filosófico britânico, aproximadamente desde 1760 até hoje, se baseia na influência específica dessa noção de “cálculo hedonista”, idéia positivista radical de que todas as idéias e relações sociais são suscetíveis de serem representadas por funções algébricas lineares, inspiradas, como sublinha Ortes, nos métodos matemáticos de Galileu e Newton.

Na Grã-Bretanha do século 19, o “cálculo hedonista” ortesiano era conhecido como “utilitarismo” e como a doutrina da “utilidade marginal” de John Stuart Mill, William Jevons etc. A mais famosa das obras matemáticas de Russell *Principia Mathematica*⁵³, que escreveu com Whitehead, é uma aplicação do mesmo dogma positivista radical à aritmética. Aqui, cabe ressaltar que a “teoria da informação” de Norbert Wiener e as doutrinas econômicas de John von Neumann representam a mesma forma radical do princípio hedonista, levado ao extremo da loucura ambulatória, a chamada “teoria do caos” do *sábio idiota* matemático⁵⁴.

Londres como “A Nova Veneza”

A influência de Ortes na configuração da mentalidade das instituições imperialistas britânicas, criadas pela eminência parda de lorde

-
51. Karl Marx, *Capital*, Vol. I, Progress Publishers, Moscow, 1965 (edição brasileira: *O capital*, 3 vols., Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1968-74).
 52. Jeremy Bentham, *An Introduction to the Principles of Morals and Legislation* (1789), Hafner Publishing Co., New York, 1970 (edição brasileira: *Introdução aos princípios de moral e legislação*, Coleção Os Pensadores, Editora Abril, São Paulo, 1984).
 53. Bertrand Russell e Alfred North Whitehead, *Principia Mathematica* (1910), Cambridge University Press, New York, 1968-73.
 54. Nenhum matemático que entenda o significado do princípio de cardinalidade para definir os tipos matemáticos transfinitos cairia no disparate de principiante da chamada “teoria do caos”. Em qualquer instituição bem ordenada, a proposição do aluno de que a cardinalidade deveria desaparecer com a aparição de um *alef-zero* conferiria este zero ao infrator. Daí, a expressão apropriada de “sábio idiota”.

Shelburne nos bastidores do trono, refletiu a posição de Ortes como um dos personagens principais no que algum futuro historiador britânico poderia sentir-se inclinado a chamar “o jardim de infância (*kindergarten*) de Conti”, antecessor do chamado “jardim de infância” de lordes Milner, Halford Mackinder e H.G. Wells, que arquitetou a Primeira Guerra Mundial⁵⁵.

O abade Antonio Conti (1677-1749), um nobre veneziano, foi um importante diretor de operações de inteligência a serviço de Veneza, tendo atuado na França, Alemanha e Inglaterra durante a maior parte de sua vida adulta. Conti é um dos personagens mais importantes cujo papel não pode ser omitido em nenhum estudo competente das mudanças decisivas do século 18.

Conti organizou uma famosa tertúlia de agentes venezianos, na qual as operações eram coordenadas⁵⁶. Enquanto Conti vivia, Giammaria Ortes foi um dos agentes mais importantes em atividade no grupo. Posteriormente, mas enquanto Ortes ainda vivia, dois dos elementos mais famosos do bando foram o célebre Giacomo Casanova (1725-98) e o conde Alessandro Cagliostro (1743-95)⁵⁷. Após as mortes de Ortes,

-
55. Ver H.G. Wells, *Experiment in Autobiography*, Little, Brown, Boston, 1962, para as suas relações com Mackinder e Milner. O trabalho conjunto de Wells, Milner e Mackinder com o “Clube dos Coeficientes” da Sociedade Fabiana é examinado em Carol White, *op.cit.*, *passim*.
56. A tertúlia de Conti, Emo, Memmo e Ortes, a “conversação filosófica e feliz”, que também controlava Casanova, é descrita em Piero del Negro, “Giammaria Ortes, il Patriziato e la Política di Venezia”, em *Giammaria Ortes: un “filosofo” veneziano del Settecento* (Convegno internazionale di studio promosso dalla Fondazione Giorgio Cini con la collaborazione della Società italiana di studi del secolo XVII di Roma e dell’Università degli studi di Venezia, convegno svolto all’idola di san Giorgio Maggiore nei giorni 14 e 16 dicembre 1990), L.S.Olschki, Firenze, 1993, pp. 125-182. Os escritos de Conti estão em sua obra *Scritti filosofici*, F.Rossi, Napoli, 1972; e em *Prose e poesie*, 2 vols. (Venezia, 1756). Quanto à influência de Conti sobre Ortes, ver Mauro di Lisa, “Chi mi as dir s’io fingo’, Newtonianesimo e scetticismo in Giammaria Ortes”, *Giornale critico della filosofia italiana*, LXVII (1988), pp. 221-233.
57. Giacomo Casanova foi oficialmente um agente a soldo da inteligência veneziana, a quem seus chefes e patrocinadores - como Andrea Memmo, da tertúlia de Conti, Francesco II Lorenzo Morosini, procurador de São Marcos, e o senador Matteo Giovanni Bragadin - encarregaram principalmente de trabalhar contra a França. Sua principal patrona foi madame Jeanne Camus de Pontcarré, marquesa de Urfé e amante do duque de Orléans, quando este foi regente da França. Um dos agentes de Casanova parece ter sido o cardeal de Bernis, o diplomata que negociou a aliança austríaca de Luís XV, na revolução diplomática de 1756. Sobre Casanova, ver John Masters, *Casanova*, Bernard Geis, New York, 1969; James Rives Childs, *Casanova: A Biography Based on New Documents*, Allen and Unwin, London, 1961; e Edouard Maynial, *Casanova and his*

Cagliostro e Casanova, na década de 1790, a continuidade dos projetos de Conti foi mantida graças ao mais famoso agente veneziano da época, o conde Giovanni Capodistria, personagem que controlava o embaixador russo Nesselrode e o príncipe Metternich no Congresso de Viena de 1814-15⁵⁸.

Situemos nesse lapso de 1688 a 1818 o celibatário veneziano Giammaria Ortes, “pai” de Bertrand Russell (e de muitos outros como ele). Consideremos a tertúlia de Conti e suas conseqüências desastrosas. Este foi o período crítico da História moderna, no qual a Londres do século 17 se transformou na capital de um emergente império mundial. Foi neste período que a França, que até 1815 foi a primeira nação européia em ciência e economia⁵⁹, ficou meio destruída pela conspiração veneziana urdida para eliminá-la, enquanto ameaça ao surgimento do futuro poder imperial britânico. Foi também o período no qual os EUA surgiram para oferecer um novo modelo de Estado nacional republicano soberano, que, primeiro como inspiração e, depois, como ameaça estratégica direta, poderia ter destruído o emergente império de Londres⁶⁰. Este é o período da História moderna do qual se derivam todas as idéias subjacentes de Bertrand Russell, Margareth Thatcher etc., até hoje. É o período no qual se elaborou o conjunto de idéias que, entre outras conseqüências, despachou o “Enola Gay” para criar o inferno na Terra, naquele trágico

Time, Chapman and Hall, London, 1911. O conde Cagliostro, Giuseppe Balsamo, nascido na Sicília, foi o principal instigador do chamado escândalo do colar da rainha (1785-86), que envolveu o cardeal príncipe de Rohan, entre outros, num escandaloso processo público que arruinou a reputação da rainha Maria Antonieta e que, segundo a opinião de Napoleão Bonaparte, foi o início da Revolução Francesa de 1789. Ver François Ribadeau Dumas, *Cagliostro*, Orion Press, New York, 1966; John Hardman, *Louis XVI*, Yale University Press, London, 1993.

58. A respeito do conde Giovanni Antonio Capo d' Istria (Capodistria) (1776-1831) no Congresso de Viena, ver C.K. Webster, *The Congress of Vienna*, Oxford University Press, London, 1919. Quanto à sua carreira posterior, ver Wilhelm Schwarz, *Die Heilige Allianz*, Stuttgart, 1935; e Alfred Stern, *Geschichte Europas seit den Verträgen von 1815 bis zum Frankfurter Frieden von 1871*, W. Hertz, Berlin, 1894-1924.
59. G.W. Leibniz, *Sämtliche Schriften und Briefe*, Preussischen Akademie der Wissenschaften, Reichl, Darmstadt, Reihe 4, *Politische Schriften*, Vol. 1. Depois de sua viagem a Paris e seu contato com a Academia de Ciências, Leibniz passou a dizer amizade que a ciência e a economia da França de Colbert eram, de longe, as mais avançadas do mundo.
60. Henry Kissinger, “Reflections on a Partnership: British and American Attitudes to Postwar Foreign Policy”, discurso pronunciado no RIIA (Instituto Real de Assuntos Internacionais), Chatham House, Londres, 10 de maio de 1982 (inédito, disponível no Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais, Washington). Kissinger repassou as diferenças filosóficas irremovíveis entre os EUA e a Grã-Bretanha e disse que, nestas questões, ele

dia do verão de 1945.

Como sugerimos acima, para entender esse vóo, temos que entender as tendências políticas deste século, nas quais se geraram um acontecimento deste “tipo”. Para entender as correntes que deram forma à política britânica deste século, temos que conhecer a origem e o desenvolvimento dessas idéias e sua influência desde a segunda metade do século 18. Para compreender como germinou, sob a batuta de Shelburne, essa corrente empirista radical do pensamento político britânico, temos que entender a interação entre estas correntes britânicas e as influências que receberam, aproximadamente, entre 1688 e 1818. Assim mesmo, para compreender a influência veneziana sobre os liberais britânicos, de Locke a Bentham, Pitt, Castlereagh, Canning etc., temos que situar tais acontecimentos inter-relacionados neste período como um “tipo” de acontecimento dentro da História moderna.

Assim sendo, situemos brevemente o período 1688-1818 e regressemos a Conti e companhia.

Por razões dadas mais adiante, por “História moderna” deve-se compreender a época que começa com o surgimento do que se denomina Renascimento⁶¹. Dentro dos quase 600 anos da História moderna, o período que vai, aproximadamente, de 1688-89 até os chamados decretos

apoiava a perspectiva política britânica. “A política britânica (na Segunda Guerra Mundial e no pós-guerra) se baseia em dois séculos de experiência com o equilíbrio do poder na Europa; os EUA, em dois séculos de rechaça-la...A Grã-Bretanha raras vezes proclamou absolutos morais ou colocou a sua fé na eficácia final da tecnologia...Filosoficamente, a Grã-Bretanha continua sendo hobbesiana...A política exterior dos EUA é fruto de uma tradição muito diferente...Criamos uma nação conscientemente dedicada a verdades ‘auto-evidentes’ e, na maior parte do discurso público estadunidense, se têm por indiscutível que a nossa participação...no mundo pode ser guiada exclusivamente por preceitos morais.” Mais adiante, Kissinger se queixou amargamente de que “os estadunidenses, de Roosevelt em diante, crêem que os EUA, com seu legado ‘revolucionário’, eram o aliado natural dos povos em luta contra o colonialismo; podíamos ganhar a lealdade dessas novas nações opondo-nos e, às vezes solapando, os nossos aliados europeus nas regiões do seu domínio colonial. Churchill, certamente, resistiu a essas pressões estadunidenses.” Ver as notas 17 e 87.

61. Embora as instituições do Renascimento tenham sido formalmente fundadas na vitória ecumênica dos círculos de Nicolau de Cusa e do futuro papa Pio II, no Concílio de Florença, em 1440, o Renascimento foi fruto de um processo de revivificação iniciado principalmente pelos seguidores de Dante Alighieri, como Petrarca de Avignon, ao longo do século anterior. Temos que considerar o lapso transcorrido entre a explosão da bolha financeira veneziana, em meados do século 14, e o Concílio de Florença, como um período de transição do velho às portas do novo. Neste sentido, a História moderna começa com a transição das reuniões conciliares anteriores a 1439, como a de Constanza, ao Concílio renascentista de Florença.

de Carlsbad, do período pós-Congresso de Viena, se distingue como uma fase diferente, durante o qual Veneza viveu a sua última fase como Estado, um Estado que exercia ainda um gênero peculiar de poder mundial, por meio de sua diplomacia, seu serviço de inteligência exterior e sua posição ainda central no domínio das finanças internacionais. Esta é Veneza, desde a época em que invadiu o Peloponeso⁶² até o papel preponderante de seu agente, conde Giovanni Capodistria, no Congresso de Viena de 1814-15 e no período subsequente⁶³.

Conti manteve a longa tradição veneziana de desestabilizar por dentro a Europa Ocidental, tradição que remonta à época de Carlos Magno. As questões imediatas das quais Conti se ocupou estão bem representadas nos acontecimentos da História moderna ocorridos em seu tempo. Não obstante, para entender o novo, temos que identificar a queda do velho.

Há seis séculos e meio, a economia da Europa afundou no que os historiadores qualificam como uma “nova idade das trevas”, que foi o pior desastre econômico e demográfico da Europa desde a queda do Império Romano, mais ou menos desde a época do imperador Diocleciano, por exemplo⁶⁴. Esta “nova idade das trevas” teve as suas raízes na chamada “quarta cruzada”, que começou por volta do ano 1204. Por meio deste conflito, Veneza utilizou o pretexto da cruzada para conquistar e saquear sua antiga patrona e principal rival, Constantinopla, iniciando a prolongada ocupação da região pelo reino latino⁶⁵. A partir daí, Veneza emergiu convertida na potência mais importante do mundo mediterrâneo e usou tal poderio como alavanca para se apoderar de toda a Europa Central e Ocidental, mediante a usura e formas concomitantes de corrupção.

Na fase final do reinado da casa governante do Sacro Império

-
62. Segundo os historiadores, os venezianos ganharam o ódio de suas vítimas gregas no decurso das guerras de conquista travadas por Veneza, de 1645 a 1699, contra as fronteiras vulneráveis da decadente dinastia otomana, a quem os mesmos venezianos haviam ajudado a conquistar Constantinopla, em 1453. Da Quarta Cruzada em diante, saquear os remanescentes maltratados do Império Bizantino foi uma atividade veneziana intermitente. Durante a invasão do Peloponeso, os explosivos das forças venezianas deixaram o Partenon ateniense em ruínas.
63. Depois de trabalhar para os serviços diplomático e de inteligência de Veneza na Rússia e na Suíça, Capodistria terminou sua vida como governador, com aprovação britânica, das regiões gregas ditas liberadas.
64. Veja a nota 49.
65. Sobre Enrico Dandolo e a Quarta Cruzada, ver John Julius Norwich, *A History of Venice*, Alfred Knopf, New York, 1982, p. 122ss. Cf. Frederick Lane, *Venice: A Maritime Republic*, Johns Hopkins University Press, Baltimore, 1973.

Romano, Frederico II e seu filho Conrado, Veneza empregou a sua supremacia marítima acumulada, seu domínio do comércio e da banca e seu crescente domínio sobre a Itália, para orquestrar a guerra e o saque usurário por toda a Europa Ocidental e Central, ao mesmo tempo em que seus amigos mongóis ameaçavam toda a Europa pelo Leste⁶⁶. De meados do século 13 à época em que a Peste Negra se propagou pela Europa Ocidental, um século depois, a Europa entrou numa decadência demográfica e econômica cada vez mais acelerada. Das estatísticas sociais e outros indícios do período, se depreende que a população européia se reduziu aproximadamente à metade, pela fome e pelas enfermidades causadas pela decadência econômica, ainda antes da irrupção da pandemia da Peste Negra⁶⁷. O principal aspecto desse cenário foi a utilização da usura dos banqueiros lombardos, coordenados por Veneza, para ganhar imensos lucros com a guerra intestina que a própria Veneza orquestrou em toda a Europa⁶⁸.

Entretanto, em meados do século 14, muito do poder de Veneza se desintegrou de forma abrupta, como resultado da explosão repentina da pior bolha financeira especulativa e de dívida da História, até a época atual. As conseqüências da desintegração do sistema financeiro europeu, controlado por Veneza, se agravaram com a chegada da Peste Negra, que se propagou graças à insalubridade reinante e a outras condições que reduziram as defesas biológicas das pessoas, proporcionadas por um enredo de guerras e usura, orquestrado por Veneza nos cento e poucos anos de decadência econômica européia, que se seguiram ao auge atingido sob os imperadores Stauffer, de Frederico I (“Barbarroxa”) a

-
66. Em sua *History of the Business Man*, Macmillan, New York, 1938, Miriam Beard escreve: “(...) quando Gêngis Cã reinava da Coréia à Pérsia, os mongóis estendiam o seu colossal império até o Ocidente...a cada passo, os generais mongóis se informavam antecipadamente sobre a situação das cortes européias e se inteiravam de quais pleitos e desordens seriam vantajosos para as suas conquistas. Este valioso conhecimento era obtido dos mercadores venezianos, homens como o pai de Marco Polo. Entende-se, por isso, que o próprio Marco Polo tenha sido bem recebido na corte de Kublai Cã, chegando, por certo tempo, a trabalhar como administrador do Grande Cã” (p. 105). Ver também B.H. Liddell Hart, *Great Captains Unveiled* (London, 1927), sobre o papel dos venezianos como “serviço de inteligência dos mongóis”.
67. Barbara Tuchman, *A Distant Mirror: The Calamitous Fourteenth Century*, Alfred A. Knopf, New York, 1978 (edição brasileira: *Um espelho distante: o terrível século 14*, José Olympio Editores, Rio de Janeiro, 1990)
68. Sobre as cruzadas, ver Stephen Runciman, *A History of the Crusades*, 3 vols., Cambridge University Press, London, 1951-54. Ver também Jonathan Riley-Smith, *The Crusades: A Short History*, Yale University Press, New Haven, 1987; e Hans Eberhard Mayer, *The Crusades*, Oxford University Press, New York, 1988.

Frederico II⁶⁹.

Como ocorreu em cada caso parecido na História passada e moderna, a explosão medieval da bolha lombarda de dívidas causou a queda correspondente do poder das grandes famílias oligárquicas que, aliadas de Veneza, haviam usufruído de um poder praticamente sem rival, nos cento e poucos anos precedentes. Ao mesmo tempo, o Papado se viu à beira da desintegração, em consequência dos efeitos acumulados dos manipulações corruptoras dos venezianos entre as rivalidades feudais⁷⁰.

Nessas circunstâncias de tragédia clássica⁷¹, as forças do Renascimento galgaram posições de crescente influência. A sua alma foram as redes estabelecidas por Dante Alighieri e continuadas por Petrarca. Desde os séculos 15 e 16 até os nossos dias, a história da Europa e, em seguida, de todo o planeta, tem sido dominada por um feroz conflito entre as forças do bem, o Renascimento, e as forças do mal, as redes oligárquicas das poderosas famílias aliadas de Veneza, que se sustentam da usura.

Se concedermos que há óbvias diferenças qualitativas entre a História medieval e a moderna, será que existe uma linha divisória bem definida entre as duas? Elas se confundem uma com a outra,

-
69. Sobre Frederico I “Barbarroxa”, ver Helmut Hiller, *Friedrich Barbarossa und seine Zeit*, List, Munich, 1977; e Peter Munz, *Frederick Barbarossa: A Study in Medieval Politics*, Eyre and Spottiswoode, London, 1969. Sobre Frederico II, ver *Stupor Mundi, zur Geschichte Friedrichs II von Hohenstaufen*, Darmstadt, 1992; e Georgina Masson, *Frederick II of Hohenstaufen: A Life*, Octagon Books, New York, 1973.
70. Os venezianos manipularam as guerras da Liga Lombarda contra Frederico I (batalha de Legnano, 1176) e as guerras de Carlos de Anjou contra Frederico II e seus herdeiros (batalha de Benevento, 1266). Veneza desempenhou também um papel central no desencadeamento da Guerra dos 100 anos (1339-1453), entre a Inglaterra e a França, iniciada pelo rei Eduardo III da Inglaterra, aliado de Veneza. Sobre o “cativo babilônico” do Papado em Avignon, ver Gullaume Mollat, *The Popes at Avignon (1305-1378)*, Harper and Row, New York, 1965; e Yves Renouard, *Avignon Papacy, 1305-1403*, Faber, London, 1970.
71. Por “tragédia clássica” nos referimos a obras como o *Prometeu acorrentado* de Ésquilo e aos princípios da tragédia estabelecidos por Friedrich Schiller. As idéias de Schiller são expostas em “On the Use of Chorus in Tragedy”, *Fidellio*, Vol. II, No. 1, Spring 1993, pp. 60-64. Ver também “Über den Grund des Vergnügens an tragischen Gegenständen” e “Über die tragische Kunst”, in *Friedrich von Schiller, Sämtliche Werke in sechs Bänden*, Phaidon Verlag, Stuttgart, 1984, Vol. 5, pp. 127-162. Ver também “On the Pathetic” e “On the Sublime,” in *Friedrich Schiller, Poet of Freedom*, Vol. III, editado por William F. Wertz, Jr. (Schiller Institute, Washington, 1990). As idéias de Friedrich Schiller sobre o papel do *punctum saliens* (ponto principal) na tragédia, podem ser vistos na “Introdução” à sua *History of the Revolt of the United Netherlands Against Spanish Rule*, no mesmo volume, pp. 177-191.

gradualmente, por um período prolongado, em que se pode dizer com justiça que a História tem um pouco das duas qualidades, ou há uma linha divisória nítida, alguma singularidade demonstrável, alguma diferença de princípio gerador, que se situe em um período da História antes do ponto divisório e faça do seguinte um período histórico novo? Se há um ponto divisório demonstrável, como e quando, em que ponto singular de descontinuidade começa a História moderna?

A História moderna sucedeu a História medieval no momento em que se fundaram as instituições que distinguem uma da outra. Isso ocorreu quando o patriarca Isidoro e outros representantes da Igreja Oriental presentes ao Concílio de Florença, aceitaram o argumento de Nicolau de Cusa e as provas correspondentes de que a expressão latina *Filioque* do credo estava implícita na compreensão dos primeiros concílios da Igreja única⁷².

De acordo com as circunstâncias em que esse concílio ecumênico foi congregado e foi obtida a unificação dos diferentes ritos⁷³, o acordo racional dos diferentes ritos, em aceitar a verdade subjacente no princípio latino do *Filioque*, produziu a aceitação *implícita* dos princípios subjacentes às novas instituições do Estado nacional republicano legítimo e do progresso científico, enquanto mandato conferido às novas repúblicas.

Desde 1440, ano em que se lançaram as bases dessas novas instituições, Veneza, que era a principal representante das antigas instituições, declarou guerra às novas. A luta entre a herança do Renascimento e a tradição de Veneza é o conflito característico da civilização européia, desde aquela época até os dias de hoje.

Quais foram essas instituições novas? Há duas características principais do ponto singular que separa a existência humana anterior a 1400 e a história moderna: 1) o conceito de Estado nacional republicano moderno, regido pelo direito natural, conforme os organizadores do Concílio de Florença entendiam os princípios cristãos do direito natural⁷⁴; 2) a posição central conferida ao fomento do progresso técnico-científico

72. Ainda que por somente 13 anos, até que a tráfda Constantinopla foi saqueada pelos otomanos, em 1453.

73. Ver Helga Zepp-LaRouche, "Nicolaus of Cusa and the Council of Florence", *Fidelio*, Vol. I, No. 2, Spring 1992, pp. 17-22, para uma exposição das provas obtidas por Nicolau de Cusa de documentos gregos que reuniu durante a sua visita a Bizâncio e ofereceu ao Concílio.

74. As duas obras mais importantes que devem ser consultadas para se entender o conceito de Estado nacional republicano moderno, sujeito ao direito natural, são: Dante Alighieri, *Monarquia*, Clássicos Jackson, Vol. XXVI, "Pensadores italianos", W.W. Jackson Inc.

entre as funções moralmente obrigatórias desta forma nova de Estado⁷⁵

A mera adesão a essas novas instituições, fora da minoria importante da civilização européia, fez da existência das mesmas um princípio eficiente de interação dentro da cultura européia em sua totalidade⁷⁶. Para expressar o mesmo argumento medular em outras palavras: a sua existência enquanto instituições, em qualquer parte da Europa, mudou o que havia antes, até que toda a Europa teve que adaptar a sua conduta a este fator eficiente. Para enfatizar, de outro modo: já que estas mudanças institucionais aumentaram o ritmo de desenvolvimento do poderio *per capita e por quilômetro quadrado* da Humanidade sobre a natureza, só a sua presença bastou para mudar o caráter de cada parte do processo histórico com o qual elas interagiram. Tal interação começou praticamente no momento em que se lograram os acordos ecumênicos correspondentes no Concílio.

Por exemplo: Veneza compreendeu com precisão que os acontecimentos do Concílio representavam uma ameaça relativamente imediata aos interesses mais vitais da oligarquia financeira e ao seu Estado, respondendo com ações como recrutar como aliados, entre outros, Escolário do Monte Athos (a “Montanha Sagrada”) contra os Paleólogos e o Papado, além de atrair Moscou para o seu lado⁷⁷.

Editores, Rio de Janeiro, 1952; e Nicolau de Cusa, *Concordantia Catholica* (traduzido para o inglês por Paul E. Sigmund, como *The Catholic Concordance*, Cambridge University Press, Cambridge, 1992).

75. Sobre a fundação da ciência moderna, as obras decisivas são de Nicolau de Cusa: *La docta ignorantia*, Aguilar Argentina SA, Biblioteca de Iniciación Filosófica, Buenos Aires, 1981.
76. Do ponto de vista formal, isto é análogo ao efeito de uma mudança axiomática revolucionária no conjunto de axiomas e postulados, que definem o princípio gerador que subentende um *tipo* específico de rede formal de teoremas. Semelhante mudança de axioma (ou postulado) revoluciona o princípio gerador de tal maneira que os teoremas, aparentemente semelhantes da nova rede implícita, não guardam congruência alguma com nenhum dos teoremas possíveis da rede velha.
77. Quando Isidoro de Kiev, que foi o delegado russo ao Concílio de Florença, tentou proclamar em Moscou a unidade da cristandade, teve a sorte de escapar vivo da fúria do Grande Príncipe Vassili, o Cego. A história de Isidoro é relatada em *Second Sophia Chronicle: The Tale of Isidore's Council* e *Selections from the Holy Writings Against the Latins and the Tale about the Composition of the Eighth Latin Council*, como se pode ver em *EIR Special Report: Global Showdown* (EIR, Washington, 1985), pp. 87-89. A versão ortodoxa se encontra em Ivan Ostroumoff, *The History of the Council of Florence*, Holy Transfiguration Monastery, Boston, 1971, pp. 182-184. Treze anos depois do Concílio, Constantinopla caiu nas mãos dos otomanos. Estes foram ajudados por Escolário, que persuadiu os gregos a não se unirem para defender a cidade. Em recompensa por esta traição aos seus compatriotas gregos, os otomanos dedicaram um

De maneira semelhante, a Europa, transformada pela influência em cadeia das novas instituições do Concílio, quase acaba fisicamente com Veneza, pela ação da Liga de Cambrai. *Toda a história europeia, de 1440 até hoje - o conflito essencial dentro da civilização europeia e, por extensão, da mundial - tem sido as tentativas de Veneza e seus partidários faccionais de destruir a forma de Estado nacional soberano e a cultura que emergiram do Concílio de Florença de 1439-40.*

Embora Veneza tenha sido bem sucedida em frustrar as tentativas de fundação dessa forma de Estado nacional na própria Itália, a primeira iniciativa bem sucedida se deu na França de Luís XI, que, aproximadamente, duplicou a renda per capita do país durante o seu reinado e derrotou seus principais adversários neste período, da Inglaterra e Borgonha até a Espanha. O êxito de Luís XI iniciou uma reação em cadeia de tentativas de criação de Estados nacionais segundo tal modelo, na Inglaterra de Henrique VII e em outras partes, com a ajuda de seguidores de Nicolau de Cusa, como Erasmo e o movimento oratoriano, do qual Erasmo e Rafael Sanzio foram personalidades destacadas.

O aumento do poderio per capita sobre a natureza, fomentado por essas novas instituições do Renascimento, produziu adversários perigosamente poderosos, que impediram que Veneza tivesse caminho livre para voltar a desfrutar do poder que tivera antes na região do Mediterrâneo, antes da explosão da grande bolha da dívida de meados do século 14. Na verdade, os adversários da maligna Veneza, dirigidos pela aliança entre França e o Vaticano, estiveram a ponto de acabar com Veneza, no início do século 16.

Veneza sobreviveu corrompendo seus adversários, fazendo-os lutarem entre si, o que acabou com a Liga de Cambrai⁷⁸. Não obstante, em 1582, uma facção de Veneza, dirigida por um certo Paolo Sarpi, escolheu Londres como capital de um novo império veneziano⁷⁹. Os venezianos entendiam e argumentaram que a cidade não podia defender

pouco de seu tempo, compartilhado com Veneza, a repartir os restos da Grécia conquistada e nomearam Escolário representante religioso de toda a população não-muçulmana do Império Otomano.

78. Sobre a Liga de Cambrai, ver Felix Gilbert, *The Pope: His Banker and Venice*, Harvard University Press, Cambridge, 1980. Ver também John Julius Norwich, *A History of Venice*, Alfred Knopf, New York, 1982, pp. 390-433.

79. Para uma análise e bibliografia sobre Sarpi, a facção dos *Giovanni* e a Inglaterra, ver Webster G. Tarpley, "The Role of the Venetian Oligarchy in the Reformation, the Counter-Reformation, Enlightenment, and Thirty Years' War", *The New Federalist*, Vol. VII, No. 14, 12/4/1993, pp. 6s; ver também "The Venetian Conspiracy", *Campaigner*, Vol. 14, No. 6, September 1981, pp. 23-46.

indefinidamente a sua posição ao norte do Adriático. As famílias oligarcas locais tinham que preparar uma nova base de operações, para levantar um poder marítimo e financeiro capaz de destruir completamente a nova classe de instituições⁸⁰.

A vitória da facção de Sarpi sobre seus opositores dentro de Veneza significou que o poderio veneziano se dedicaria a tomar completamente a Inglaterra, primeiro passo para fazer das Ilhas Britânicas um bastião do pensamento oligárquico ao estilo veneziano, capaz de se tornar uma potência marítima mundial, nos moldes da supremacia anteriormente exercida na região do Mediterrâneo. O assassinato de Christopher Marlowe e o papel de Cecil na eliminação de Essex, herdeiro adotivo de Elizabeth I, são exemplos da sangrenta guerra de inteligência que repetiu na Inglaterra, no final do século 16, a vitória política da facção de Sarpi na Veneza de 1582.

É certo que foram agentes venezianos os que, a partir de 1517, lançaram sobre Henrique VIII a malfadada sedutora Ana Bolena, da família Howard, para enlouquecê-lo o suficiente para que rompesse as preciosas relações da Inglaterra com a França e a Espanha. Isto foi parte do jogo veneziano de fazer lutar entre si os que se aliaram na Liga de Cambrai, objetivando destruí-los um a um, da mesma maneira que Veneza fez com que os diferentes monarcas e aristocratas tolos do feudalismo se enfrentassem entre si, nos séculos 13 e 14. Seja o que for que passou pela mente dos diferentes líderes venezianos, nas décadas anteriores do século 16, pelo menos desde 1582, a decisão de converter Londres na “Veneza do Norte” se tornou o empenho formal do Estado veneziano, a perspectiva estratégica de longo prazo da maior parte da oligarquia veneziana. *Neste particular, é revelador o papel de Francis Bacon, Thomas Hobbes, Elias Ashmole etc., nos bastidores da ascensão do rei Jaime I*⁸¹.

O fato decisivo que provocou as operações venezianas de 1688-

80. Ver Gaetano Cozzi, *Paolo Sarpi fra Venezia e l'Europa*, Einaudi, Torino, 1978; e Enrico De Mas, *Sovranità politica e unità cristiana nel seicento anglo-veneto*, Longo, Ravenna, 1975. Ver também William J. Bouwsma, *Venice and the Defense of Republican Liberty*, California University Press, Berkeley, 1968.

81. Como freio ao crescimento demográfico de suas próprias fileiras, nos dois últimos séculos de independência política de Veneza, chegou o momento em que a sua oligarquia impôs um celibato cada vez mais estrito à maioria crescente de sua progênie. No final do século 17, um oligarca veneziano típico que viajasse para o estrangeiro era, se não um abade, então um monge com votos em suspensão mais ou menos perpétua, como Ortes. Isto influenciou na propagação da homossexualidade entre homens e mulheres da oligarquia veneziana, cidade que rivalizava com a Sodoma e Gomorra bíblicas nesta matéria. A difusão deste estilo veneziano oligárquico de solteirice é, amiúde, um sinal

1818⁸² foi que, em 1662, Colbert, o poderoso protegido do cardeal Mazarino, assumiu o cargo de controlador-geral da Fazenda da França (ministro das Finanças). A França, que já era a principal potência europeia em ciência, tecnologia e economia, se mobilizou sob a liderança de Colbert e começou a realizar façanhas que alarmaram muitíssimo os patrões venezianos de Londres. Dada a superioridade da França em ciência e tecnologia, o crescimento do seu poderio marítimo sob Colbert representava uma ameaça direta aos interesses estratégicos de Veneza. Em seu propósito de destruir a França, Veneza recorreu ao velho truque de atizar uma nação contra a outra, em guerras intermináveis que as debilitam mutuamente.

As manobras venezianas levaram a Europa e, implicitamente, também as colônias europeias e outras regiões não-europeias aos acontecimentos de 1688-1818. Então, ainda poderosa mas já em decadência, Veneza se pôs a fazer de Londres a futura capital de um império mundial neoveneziano. Neste período de cerca de 130 anos, os estrategistas venezianos e seus protegidos adotaram três objetivos principais, enumerados a seguir, mas cujos aspectos mais importantes serão tratados posteriormente:

1) Desde o princípio, pelo menos desde a guerra de 1666, o objetivo era eliminar a França como obstáculo à emergência da supremacia imperial global de Londres, a começar pela destruição da ameaça real de que ela, sob a liderança de Colbert, ganhasse supremacia marítima.

2) Desde o início do século 18, vilipendiar e destruir a influência de Gottfried Leibniz, tarefa central do abade Antonio Conti e sua tertúlia.

3) Pelo menos desde 1763, acabar para sempre com as aspirações das colônias inglesas da América do Norte à autonomia política e ao desenvolvimento econômico, missão conferida por lord Shelburne ao seu lacai Adam Smith, durante uma conversa que tiveram em 1763, durante um passeio de carruagem⁸³.

O Tratado de Paris, de 1763, assinalou a derrota da possibilidade de que a França pudesse desafiar a supremacia marítima mundial de

de adesão moral a Veneza, como se observa claramente nos casos de Bacon e seus cúmplices charlatães, como Hobbes, Elias Ashmole etc.

82. As datas são aproximadas. A respeito de 1688, é decisiva a desintegração do reinado de Jaime II da Inglaterra, que não deixou a Veneza outra alternativa senão despachar seu agente Guilherme de Orange para Londres. O aspecto crucial a respeito de 1818 foi o total desmascaramento do caráter tirânico da Santa Aliança de Metternich.

83. Edmund Fitzmaurice, *Life of William, Earl of Shelburne*, Oxford University Press, London, 1907, p. 73.

Londres. A nova tarefa que os venezianos designaram aos antigos membros das tertúlias de Conti foi destruir a França como potência terrestre e induzir Londres a adotar os empenhos institucionalizados que a levariam a fundar um império mundial, segundo os princípios do modelo oligárquico mundial aprovado por Veneza.

Para este último propósito “sociológico”, o modelo de empirismo de Locke não era adequado; a condescendência com os costumes, embora fosse corrosiva, não era um traço tolerável na formação e seleção da elite dirigente da Grã-Bretanha. Para este trabalho, os padrões venezianos de Londres necessitavam que se passasse ao empirismo radical do “cálculo hedonista”⁸⁴.

Eis aqui o significado histórico específico da promoção dos escritos de Ortes, por parte das tertúlias venezianas que formaram o grupo de genuínos delinquentes juvenis que integraram o “jardim de infância” de Shelburne (personagens como Adam Smith, Jeremy Bentham, Thomas Malthus e caterva), na Grã-Bretanha pós-1763. Assim se criou, sob o comando de Shelburne, a Londres imperial, “a Nova Veneza”. Bertrand Russell e seus seguidores são o produto final desse processo metabólico.

O “Império Brutânico”

Bertrand Russell se tornou um homem maligno porque foi educado para que representasse a herança familiar. Esta herança representa um *tipo* filosófico. Em contraste com o Renascimento, do qual sua família foi inimiga declarada, todo o empirismo moderno, inclusive as suas variantes existencialista e positivista, se baseia no mesmo *tipo* de aversão a qualquer distinção de princípios entre a Humanidade e os animais. Por isso, é correto denominar a utopia de Russell “Império *Brutânico*.”

A bestialidade de Bacon, Hobbes, Elias Ashmole, John Locke etc. já se manifestava no século 17. Não obstante, a influência direta mais importante que a cultura inglesa do século 18 recebeu da tertúlia do abade veneziano Antonio Conti foi a exercida pela obra de Ortes. Este veneziano e suas depravadas marionetes britânicas, como Adam Smith, Bentham e Malthus representam o que se denomina *empirismo radical*, que é axiomáticamente o mesmo que o *positivismo radical* francês do século

84. Como já dissemos, esta mudança singular na doutrina do empirismo fez Kant romper francamente com David Hume, seu antigo professor.

19, introduzido pelos círculos do abade Moigno - LaPlace, Cauchy, Comte etc.

O empirismo radical britânico e seu filho bastardo, o positivismo da Restauração francesa, são, da mesma forma que o liberalismo filosófico em geral, uma aversão à idéia de que há uma diferença cientificamente cognoscível entre o homem e os animais. Todo liberalismo rechaça a existência da verdade inteligível com as mesmas premissas filosóficas. O empirismo radical do final do século 18 leva ao extremo tal imoralidade dos liberais, reduzindo toda apreensão da conduta humana aos termos mecanicistas de uma álgebra linear, inspirada explicitamente na de Galileu e Newton. Esta transformação radical do empirismo anterior, o de John Locke e caterva, foi produto específico da influência das tertúlias de Conti na Inglaterra, um radicalismo inculcado diretamente pela obra de Giammaria Ortes⁸⁵.

Assim, todos os empiristas radicais britânicos e seus filhos bastardos, os positivistas franceses, foram gerados para se converterem no que se conhece hoje em dia como psicólogos behavioristas, com um ou outro disfarce acadêmico. Isto abarca não só as novas pseudociências da etnologia, antropologia, psicologia de Wundt e sociologia, introduzidas no período da Restauração francesa do século 19. Por intermédio de coisas como o pragmatismo de William James e John Dewey, nos EUA, por exemplo, esta venenosa influência corrompeu quase todos os aspectos da educação e cultura moderna neste país. Por intermédio dos etnólogos (antropólogos), sociólogos, psicólogos da tradição de Wundt, os behavioristas em geral, os psicanalistas e instituições como o Instituto Tavistock, a Humanidade, sob o emergente império mundial da ONU, se transforma com rapidez no zoológico multicultural de pessoas degradadas à condição de "outros animais como o resto".

Essa transformação, de que são exemplo todos os principais patrocinadores das propostas da Conferência do Cairo sobre população,

85. Sobre Ortes, ver o simpósio da Fundação Cini, mencionado na nota 56. Ver também Gianfranco Torcellan, *Settecento Veneto ed altri scritti storici*, Giapichelli, Torino, 1969. Os textos breves de Ortes estão em *Giammaria Ortes, Calcolo sopra la verità dell'istoria e altri scritti*, compilados por Bartolo Anglani (Costa and Nolan, Genoa, 1984). Os escritos econômicos de Ortes estão em *Della economia nazionale* (Marzorati, Milano, 1971). Os escritos econômicos e outros trabalhos concomitantes de Ortes foram reimpressos em *Scrittori classici italiani di economia politica*, compilados por P. Custodi (G.G. Stefanis, Milano, 1803-16). Ver também Webster Tarpley, "Giammaria Ortes and the Venetian Hoax of Carrying Capacity", *The New Federalist*, Vol. VIII, No. 22, 20/6/1994, pp. 6-9. Quanto a Conti, ver a nota 56.

realizada em setembro de 1994, é a quintessência encarnada de uma perversidade muito pior do que a fase anterior, representada por Adolf Hitler, membro da Sociedade Thule⁸⁶. A partir da suposição de que a Humanidade não representa mais que “outra espécie animal”, pode-se transformar em lei qualquer imoralidade monstruosa, como um holocausto nazista, ou se podem justificar condutas subumanas, como o canibalismo ritual ou os selvagens rituais dos irracionais astecas, ou qualquer outra forma depravada de cultura. Da defesa “indigenista” da odiosa cultura asteca, surge o abandono completo de qualquer aparência de moralidade. Por exemplo, pode surgir simpatia pela perversidade de Adolf Hitler ou, o que é pior, por projetos utópicos “unimundistas” como os de Bertrand Russell.

À luz disso, reflitamos sobre o convite feito a Henry Kissinger, ex-secretário de estado dos EUA, para que pronunciasse um discurso público em Londres, em 10 de maio de 1982, em comemoração ao bicentenário da criação do serviço de inteligência exterior imperial da Grã-Bretanha, fundado por Jeremy Bentham. Nesta ocasião, Kissinger se jactou publicamente de haver servido como agente de influência da política externa britânica, por trás de dois presidentes estadunidenses (Jimmy Carter e Gerald Ford), nos anos em que ocupou os cargos de assessor de Segurança Nacional e secretário de Estado⁸⁷.

Prestemos atenção especial às referências de Kissinger quanto aos conflitos políticos entre os EUA e o Império Britânico, de que são

-
86. A Sociedade Thule e seu rebento, a aristocrática *Allgemeine SS*, foram criações de forças principescas dentro do *Fürstentum* dos restos do Sacro Império Romano, no século 20. Em território, este abrangia grande parte das famílias aristocráticas, principescas etc., das regiões de Istria e do norte da Itália, até os círculos da monarquia bávara. Estas, representadas pelo abade beneditino renegado que se uniu a Hitler quando jovem, foram as mesmas que respaldaram o compositor Richard Wagner e os atiradores de bombas de Giuseppe Mazzini, e introduziram Hitler nos círculos formalmente protestantes da Sociedade Vril, também controlados por Veneza. Como Estado soberano, Veneza desapareceu pelas latrinas do século 19; como rede de potências financeiras e políticas interdependentes, Veneza continua bem viva até hoje, como parasita dentro de muitas instituições. Há, pois, uma continuidade entre o maligno Ortes e a expressão moderna da perversidade veneziana, o Clube de Roma, e os promotores da Conferência sobre População no Cairo.
87. *Op. cit.* Kissinger disse aos reunidos na Chatham House, em 1982: “Os britânicos eram tão determinadamente operosos que se tornaram participantes das deliberações internas dos EUA, em grau quicá nunca antes praticado entre nações soberanas. Durante o meu período, os britânicos desempenharam o papel primordial em certas negociações bilaterais estadunidenses com a União Soviética; de fato, eles ajudaram a redigir o documento principal. Em meu período na Casa Branca, eu mantive a chancelaria britânica melhor informada, e mais envolvida que o Departamento de Estado estadunidense”.

*exemplo as disputas entre o presidente Franklin Delano Roosevelt e o primeiro-ministro Winston Churchill, a cujo respeito Roosevelt se referia, com expressão um tanto mordaz, como “métodos britânicos do século 18”*⁸⁸. *Observemos que estes são os motivos dos ataques feitos ao presidente Bill Clinton pela facção da inteligência britânica e seus aliados, representada pela Corporação Hollinger de Conrad Black*⁸⁹, *Henry Kissinger (membro do conselho diretor do conglomerado), John Train, os agentes tradicionais do serviço de inteligência britânico entre os chamados “neoconservadores” dos EUA e a facção de George Bush nos serviços secretos de inteligência dos EUA, em geral.*

Desde o Renascimento, toda a civilização européia tem estado dividida em apenas duas facções importantes em luta. Uma é a corrente platônica, encarnada pelo cristianismo na tradição mosaica do primeiro capítulo do *Gênesis 1*⁹⁰, de documentos como o Evangelho Segundo S. João, as epístolas de Paulo e a obra de Santo Agostinho, que gerou o Renascimento⁹¹. A facção oposta está representada por aqueles que, como os monges Conti e Ortes, põem às vezes a máscara veneziana de um cristianismo fingido, mas cujos próprios escritos denunciam que são

-
88. Elliott Roosevelt, *As He Saw It*, Duell, Sloan and Pearce, New York, 1946 (edição brasileira: *Como meu pai os via*, Instituto Progresso Editorial S.A., São Paulo, 1947).
89. Para documentação sobre as origens da Corporação Hollinger, desde a Segunda Guerra Mundial, como operação da inteligência britânica executada por trás de uma fachada privada pelo aparato de Churchill e lorde Beaverbrook, ver *Assault on the Presidency!*, folheto publicado pelo Comitê para Reverter a Crise Estratégica e Econômica Global em Aceleração, Comitê Exploratório de LaRouche, Leesburg, Virginia, abril de 1994.
90. Alude-se aqui sobretudo ao argumento de Filón de Alexandria, em sua obra *Sobre a criação do mundo segundo Moisés*. O universo de Deus não tem por premissa uma série de leis mecânicas fixas para toda a eternidade; ao contrário, é governado por um princípio legítimo de criação contínua. Sobre o tema de *De visione Dei* de Nicolau de Cusa, cf. William F. Wertz Jr. “Nicolaus of Cusa and the Concept of Negentropy”, *Fidelio*, Vol. II, No. 4, Winter 1993. A criação, este poder que molda o homem à imagem de Deus Criador, tem o seu tipo - no sentido “cantoriano” do termo - no conhecimento deste princípio por parte do homem, por meio de uma forma axiomático-revolucionária válida de descoberta de um princípio científico da natureza.
91. Desde que Alexandre Magno, aliado da Academia de Atenas, demoliu o Império Babilônico (sob a dinastia aquemênida), o Mediterrâneo Oriental *se helenizou*, continuando assim até que o que restava do decadente Império Bizantino foi conquistado pelas forças da dinastia otomana e pelos mamelucos. A região era helênica à época do ministério de Jesus Cristo. A forma mais avançada da língua helênica, na época, não era o praticamente extinto hebraico, mas o grego da Academia de Platão em Atenas. O cristianismo era geralmente entendido na linguagem do grego platônico do discípulo João e do apóstolo Paulo, por exemplo, até que os imperadores bizantinos proibiram a leitura de Platão. Aristóteles foi introduzido no Mediterrâneo Ocidental, dominado por Veneza, por meio de gnósticos iberos como Moisés Maimônides (1135-1204) e Ibn

agentes de alguma divindade pagã como Mefistófeles, Moloch, Baal, ou essa divindade estilo Jekyll e Hyde no campo pagão de Gaia, Pitón-Apolo-Dionísio⁹².

Três aspectos institucionais do Renascimento, interdependentemente característicos, têm sido os problemas principais para Veneza e seus aliados oligárquicos: 1) que o Renascimento substituiu o tecido de alianças e vassalagens próprio da sociedade imperial por uma forma de Estado nacional soberano de caráter republicano, baseado na idéia platônica cristã de inteligibilidade da lei natural⁹³; 2) o princípio da nova função do Estado, de fomentar o progresso científico generalizado e o progresso concomitante do conhecimento e das atividades práticas⁹⁴; 3) a idéia de que as leis do Universo são inteligíveis às pessoas mediante o desenvolvimento da centelha divina da razão, traço humano que nos faz à imagem de Deus, tanto *imago Dei* como *capax Dei*.

Ao perceber o poder que emanava da aplicação dessas três séries interdependentes de idéias, Veneza compreendeu que o seu poder e a sua própria existência enfrentavam uma ameaça mortal. Toda a história européia desde então tem sido predominantemente determinada pelas tentativas da oligarquia encabeçada por Veneza de esmagar esta tripla instituição do Renascimento. Sem se entender este fato, não é possível se entender nada essencial da dinâmica interna da história do século 20,

Rushd (Averróes) (1126-1198), no século 12, para debilitar tanto o judaísmo como o cristianismo. O Aristóteles de Averróes foi revivido em Pádua sob a direção do veneziano Pietro Pomponazzi, como parte dos esforços de Veneza para solapar e destruir as forças antiusureiras do Renascimento. A presumida autoridade de Aristóteles, autor da *Ética a Nicômaco* e da *Política*, obras favoráveis à usura e à escravidão, foi invocada para justificar estas e outras práticas semelhantes das forças oligárquicas com eixo em Veneza.

92. O sítio de Delfos estava consagrado originariamente a um par de deuses pagãos, Gaia e Piton, segundo o modelo de Shakti e Shiva, Ísis e Osíris, Cibele e Dionísio, típico das seitas baseadas na deusa Lua, que é ao mesmo tempo a deusa-Mãe Terra e a divindade patrona da feitiçaria e da prostituição. Piton era uma deusa-serpente que pertence ao mesmo paradigma pagão que o Satã semítico. Do Leste, chegou um novo fator, a divindade híbrida Apolo-Piton ou Apolo-Dionísio. Falaremos adiante, no momento apropriado, sobre a influência desta seita na tradição oligárquica européia.
93. Sobre o contraste com o direito imperial, ver Friedrich August Freiherr von der Heydte, *Die Geburtsstunde des souveränen Staates*, Druck und Verlag Josef Habbcl, Regensburg, 1952. Sobre o princípio do Estado nacional republicano moderno, comparar a *Monarquia* de Dante Alighieri com a *Concordantia Catholica* de Nicolau de Cusa.
94. Ver Nicolau de Cusa, *De Docta Ignorantia*. Considere-se também a inaudita explosão de progresso científico e técnico fundamental ocorrida no século 15, de Filippo Brunelleschi a Luca Pacioli e Leonardo da Vinci.

dos últimos seis séculos de história européia e mundial e dos assuntos vitais que enfrentamos em nossos dias, de forma imediata.

Anteriormente ao Renascimento, em toda a existência humana, não houve nenhum exemplo conhecido de tal forma de república. A partir de certos fatos, aos quais nos referimos mais adiante, pode-se inferir razoavelmente que nunca antes foi possível fazê-lo. A primeira vez que se propôs uma ruptura tão franca com o velho sistema imperial foi no emocionante livro de Dante Alighieri, *Monarquia*⁹⁵. Neste caso, no início do século 14, o poder político e financeiro de Veneza na região do Mediterrâneo estava próximo ao zênite⁹⁶ e não havia esperança táctica de que a proposição de Dante pudesse ser aplicada sob as condições políticas da época, mas ela viveu para se realizar no Renascimento.

O projeto de Dante tinha por premissa central explícita a importância de uma forma culta de língua popular. Esta premissa demonstra o trabalho de se reviver a antiga língua italiana, que já existia antes que os italianos fossem conquistados por Roma⁹⁷. A sua obra magna, a *Divina Comédia*, constitui uma excelente demonstração deste princípio⁹⁸. A obra de Dante e seus seguidores sobre a poesia e as relações entre esta e a composição musical também representa uma importante referência para a leitura da *Monarquia*.

Se um povo irá participar do autogoverno da sociedade, como exigem as idéias interdependentes de *imago Dei e capax Dei*, ele terá que participar das idéias com as quais a sociedade se autogoverna. Pessoas analfabetas e ignorantes não podem participar competentemente do autogoverno, pois não sabem quais são as questões de governo! Na verdade, tal como ocorreu com os escravos negros dos EUA, no século 19, a alfabetização é a primeira condição para a liberdade. Assim, as

95. *Op. cit.*

96. A caracterização "perto de seu zênite" leva em conta o fato de que, em 1261, Miguel Paleólogo derrubara o Império Latino dos venezianos.

97. O projeto dos irmãos Humboldt em Roma, no começo do século 19, demonstrou que o italiano, embora carregado de palavras tomadas do latim, ao longo dos mais de 2.000 anos transcorridos desde a subjugação dos italianos por parte dos romanos, era uma língua independente que coexistira com o latim, em vez de se derivar dele. Este anúncio dos Humboldt e seus círculos de filólogos provocou uma explosão de ira daqueles cujas preocupações são oriundas de motivos muito diferentes da paixão pela verdade. Ver a nota 223.

98. Este autor elaborou um projeto para definir as condições necessárias para que a língua represente os estados conhecidos da mente. Um grupo de eruditos italianos comparou o quadro de requisitos de uma forma culta de linguagem com a *Divina Comédia*; todas as condições foram cumpridas.

questões da linguagem culta e dos níveis correspondentes de conhecimento são decisivas para instituir no povo as formas de autogoverno que cumpram efetivamente os requisitos dos ensinamentos cristãos. A degeneração de um povo em uma babel de dialetos locais, relativamente atrasados e em competição mútua, impede o autogoverno estável. Em consequência, pode-se julgar que a substituição do autogoverno por um sistema de alianças, conquistas e lealdades é um pecado de soberba contra Cristo.

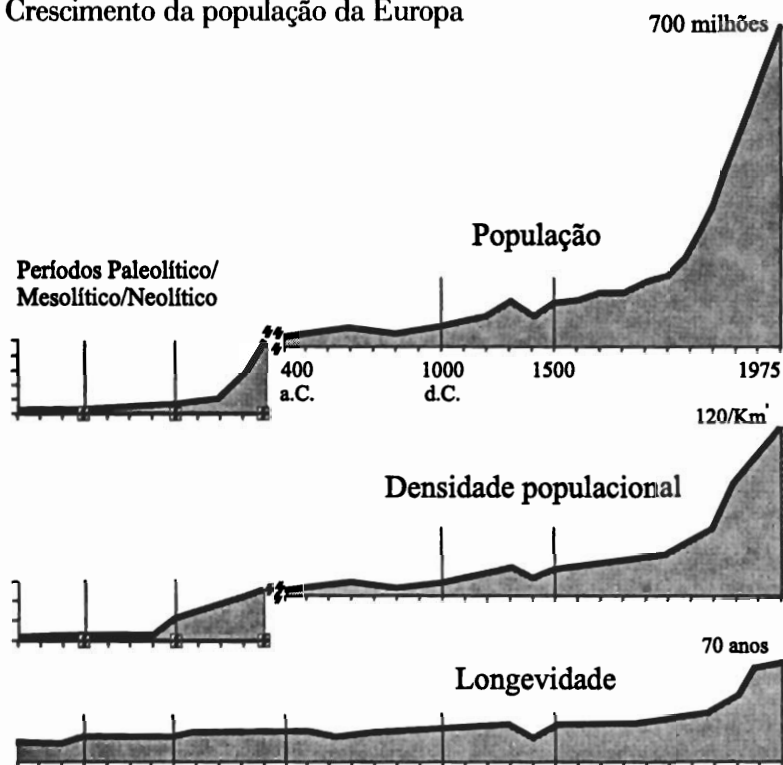
Foram herdeiros intelectuais de Dante, como Petrarca, os que mantiveram vivas suas idéias no transcorrer do século 14. Em Florença, o italiano culto foi levado ao povo por meio, entre outras coisas, da leitura diária do texto da *Divina Comédia*. Foram as idéias da *Concordantia Catholica* e da *Douta Ignorância* de Nicolau de Cusa, situadas no contexto do Concílio de Florença, que criaram a nova instituição tríplice do Estado nacional republicano moderno, dedicado a fomentar o progresso na ciência e em campos afins e obediente aos princípios de direito natural, conhecidos por meio desta centelha de razão criadora que coloca a Humanidade absolutamente aparte e acima das bestas.

Não era coisa fácil para Veneza esmagar o Renascimento e suas novas instituições sociais. Isto se percebe de maneira mais clara pelas curvas que descrevem o aumento da densidade de população e outros fenômenos demográficos, desde a Antiguidade até nossos dias (Fig.1). Anteriormente ao Renascimento, a população do planeta nunca passou de algumas centenas de milhões de pessoas. As curvas mostram que, sob a influência das novas formas de Estado nacional e instituições afins, introduzidas pelo Renascimento, o poder do indivíduo e do domicílio familiar cresceu aceleradamente, tanto per capita como por quilômetro quadrado da superfície do planeta. *Onde quer que hajam prevalecido as políticas do Renascimento*, ampliou-se a expectativa de vida e melhoraram as condições de saúde, ao mesmo tempo em que aumentou a densidade demográfica.

Esse aspecto salta à vista nos efeitos das reformas de Luís XI na França, quando a renda per capita mais ou menos se duplicou, durante o seu reinado. A obra de Leonardo da Vinci⁹⁹ e os escritos militares e outros afins de Nicolau Maquiavel¹⁰⁰ demonstram o mesmo. Aumentando o poder

99. As contribuições de Leonardo para a tecnologia militar são resumidas em *The Unknown Leonardo*, compilado por Ladislao Reti, McGraw-Hill, New York, 1974, especialmente em Ludwig H. Heydenreich, "The Military Architect", pp. 136-189 e Bern Dibner, "Machines and Weaponry", pp. 190-215. Ver também a nota 198.

Figura 1
Crescimento da população da Europa



O aumento numérico da espécie humana, à diferença de todas as demais espécies, é função do crescente domínio do homem sobre a natureza - um aumento da densidade demográfica relativa potencial, que, historicamente, se reflete no aumento da densidade demográfica real. Ao transformar as suas condições de existência, o homem se transforma a si próprio e sua transformação se reflete em um aumento paulatino da expectativa de vida do indivíduo ao longo da história da Humanidade. Tais mudanças podem ser melhor observadas nos últimos seis séculos de existência da espécie. A institucionalização do conceito do homem como imagem viva de Deus Criador, mediante a criação do Estado nacional soberano durante o Renascimento europeu é a origem conceitual da posterior expansão deste potencial que confere ao homem o seu caráter único.

Todos os gráficos se baseiam em estimativas compiladas de acordo com as escolas demográficas existentes. Nenhum delas pretende ser mais preciso que as tabelas de referência; porém, a escala normaliza variações que poderiam ter alguma importância local ou temporal, reduzindo-as à série de mudanças cuja importância é independente da qualidade das estimativas e da escala dos gráficos. Fontes: para população e densidade demográfica, *Atlas of World Population History*, de Colin McEvedy e Richard Jones; para expectativa de vida, diversos estudos histórico-demográficos. Deve-se levar em conta, igualmente, as discontinuidades e mudanças de escala indicadas.

de uma sociedade, per capita e por quilômetro quadrado, aumentamos não só a sua capacidade militar, mas também a sua força interna em outros aspectos cruciais. Os inimigos do Renascimento podem até tentar erradicar a instituição do Estado nacional e o progresso científico, mas enquanto não os suprimam efetivamente, eles têm que se adaptar a seus efeitos ou serem derrotados.

Desde a dissolução da Liga de Cambrai, os inimigos do Renascimento conseguiram aumentar o seu domínio líquido sobre as instituições financeiras e políticas do planeta. Desde 1666-88, presenciamos a ascensão de Londres como a “Veneza do Norte”, por meio de vitórias nas repetidas guerras com a França e, depois, com os aliados do Congresso de Viena, até o surgimento da forma mundial do Império Britânico, no século 19. Agora, desde a queda do regime soviético, testemunhamos as tentativas de fazer da ONU um instrumento da ditadura mundial de Londres, uma forma de império mundial “federalista universal” uma “Terceira Roma” ou, no alemão do Moeller van den Bruck de Fiodor Dostoiévski, um Terceiro *Reich*.

Para conseguir isso, a Londres imperial teve que se adaptar às mesmas instituições que pretende destruir. Até a virada para a “Nova Era pós-industrial”, que sobreveio após o assassinato do presidente John Kennedy e a conseqüente intimidação sofrida pelo presidente Lyndon Johnson, a tendência geral na tecnologia produtiva do mundo, na produtividade do trabalho e nas tendências demográficas era de crescimento geral, apesar de todos os males e opressões que o oligarquismo e a ignorância impunham à maioria da população mundial.

Foi apenas quando os secretários-gerais soviéticos Nikita Khrushchov e Leonid Brejnev se submeteram ao condomínio do terror termonuclear proposto por Bertrand Russell, e quando os EUA acederam ao esquema da “destruição mútua assegurada”, que a oligarquia teve a possibilidade estratégica de converter os EUA e a Europa Ocidental continental em um monte de sucata “pós-industrial”, no período 1966-94.

Um pouco depois, do final de 1989 a meados de 1991, uma vez

100. A análise de Maquiavel sobre a superioridade de uma “milícia bem ordenada”, apoiada em uma cidadania republicana educada, pode ser encontrada em sua *Art of War, Book I* (Macmillan, New York, 1975), assim como em seus *Discourses on the First Ten Books of Titus Livius, book I* (Viking Penguin, New York, 1984), cap.4. Michael J. Minnicino examina estas idéias em “The Need for Virtù in Today’s Politics”, *New Solidarity*, Vol. VIII, No. 40, 19/7/1977. Ver também Lyndon LaRouche em “A Machiavellian Solution for Israel”, *Campaigner*, Vol. 11, No. 2, March 1978.

que o sistema soviético perdeu a capacidade de dar a ré nos acordos negociados pelos canais de Pugwash de Bertrand Russell, a facção oligárquica com eixo na Londres imperial pôs em ação as intenções de Veneza, já com 500 anos. Os indivíduos que Henry Kissinger exibiu orgulhosamente, em 1982, na Chatham House, como sendo os seus patrões do serviço de inteligência externa britânica, ordenaram aos seus mensageiros de 1989-91, a deprimente parelha Margareth Thatcher-George Bush, que pusessem em marcha a sua “nova desordem mundial”, para dissolver a instituição do Estado nacional soberano e impor a ditadura malthusiana da ONU no planeta *para sempre*. O inferno chegou a governar a Terra, montado ao lado de Bush no cabo da vassoura de Thatcher: a ameaça do apocalipse!

Desde os tempos de Sólon de Atenas, os grandes autores de tragédias clássicas, na tradição de Ésquilo, Cervantes, Marlowe¹⁰¹, Shakespeare e Schiller, têm trabalhado para fazer do palco teatral um veículo poderoso que compartilhe com o auditório uma compreensão verdadeira da História¹⁰². Por isso, um estudo competente da História ou da ciência política em geral deve incluir o estudo das tragédias clássicas destes cinco grandes mestres, entre outros.

Esse método de pensamento acerca da História real se enriquece com o uso do mesmo princípio de domínio da geometria e da ciência física, empregado no modo humanista cristão clássico próprio da Irmandade da Vida Comum, de Gerhard Groote e Tomás de Kempis e nas reformas de Schiller e Humboldt no *ginásio* da Alemanha, no século 19¹⁰³. Este autor descreveu tal método em vários trabalhos publicados, sobretudo no mencionado exame das imagens do famoso afresco de Rafael

101. A já mencionada obra teatral *Doutor Fausto* é uma das verdadeiras grandes tragédias. Sua paródia em prosa feita por Goethe em prosa não está à altura moral ou intelectual do original.

102. Embora Cervantes compusesse também para o teatro, suas grandes tragédias clássicas, que seguem o modelo clássico grego de Ésquilo e outros, como *Dom Quixote*, são em prosa.

103. Ver William F. Wertz Jr., “The Brotherhood of Common Life”, *Fidelio*, Vol. III, No. 2, Summer 94. Sobre as reformas educativas de Schiller e Humboldt, ver Helga Zepp-LaRouche, “Die Modernität des Humboldtschen Bildungsideals”, *Ibykus*, Vol. I, No. 2, Oktober 1981. Ver também Wilhelm von Humboldt, “Preliminary Thoughts on the Plan for the Establishment of the Municipal School System in Lithuania” e “School Plan for Königsberg”, resumidos por Marianna Wertz em “Wilhelm von Humboldt’s Classical Education Curriculum”, *The New Federalist*, Vol. VII, No. 10, 15/3/1993, p. 8; ver também *Wilhelm von Humboldt, Humanist Without Portfolio: An Anthology of the Writings of Wilhelm von Humboldt*, Wayne State University Press, Detroit, 1963. O programa de reformas de Humboldt teve influência direta de sua longa colaboração

conhecido como “A Escola de Atenas”¹⁰⁴. Apliquemos agora estes dois métodos - o da tragédia clássica, como melhor o entendeu Schiller, e o princípio histórico do método clássico de educação científica - às paradoxais questões de Bertrand Russell e sua idéia utópica do “Império Brutânico”. Abordemos, em seguida, a compreensão da História moderna do ponto de vista dos *tipos* interatuantes de seqüências de acontecimentos - o que, por assim dizer, põe em cena as grandes questões, como o fariam os dramaturgos clássicos. Na seção seguinte, trataremos do papel das idéias na História.

A mente acima da mortalidade: uma rápida visão

Antes de continuar, devemos concentrar-nos na ascensão e queda do “Império Brutânico” de Veneza, para demonstrar a coerência de todas estas questões com outras afins dos últimos seis séculos. A dificuldade de princípio que impede o leitor comum de compreender a História é o hábito cultivado de olhar os fatos históricos seletivamente, do ponto de vista de nosso próprio umbigo, de uma maneira hesicasta. Esta é a principal dificuldade específica que temos que superar.

Para aplicar um remédio prático a esse impedimento, utilizemos um truque da biologia moderna, utilizando a técnica cinematográfica da câmara lenta aos últimos seis séculos e pouco. Por meio deste truque experimental, coloquemos todo este período da História ao alcance da capacidade de percepção do indivíduo mortal contemporâneo, empregando o método exposto no *Parmênides* de Platão¹⁰⁵. Reduzindo os fatos fundamentais destes séculos a essa espécie de representação cinematográfica, condenseemos a História sob a forma de uma experiência do indivíduo mortal.

Aquilo que o indivíduo supostamente educado pensa da História

com Friedrich Schiller. Ver “On Schiller and the Course of His Spiritual Development”, de Wilhelm von Humboldt, e “What Is, and To What End Do We Study, Universal History?”, de Friedrich Schiller, in *Friedrich Schiller, Poet of Freedom*, Vol. II, William F. Wertz (ed.), Schiller Institute, Washington, 1988. Ver nota 223.

104. A propósito deste assunto, ver as referências do autor às implicações da “Academia de Atenas”, o mais famoso dos murais de Rafael Sanzio, em “The Truth About Temporal Eternity”, *Fidelio*, Vol. III, No. 2, Summer 1994.

105. Ver nota 40.

é uma tolice ou, pior ainda, uma espécie de mentira. É uma tolice que segue o princípio do *sofisma de composição*. É uma mentira, porque o indivíduo recorre deliberadamente a semelhante sofisma: impõe uma filosofia falsa à seleção e interpretação dos fatos e, sob o disfarce de aderir ao “nosso modo de pensar”, se nega a tomar em consideração qualquer crítica que se faça à validade de tal filosofia¹⁰⁶. Os hábitos profundamente arraigados, tanto nas ruas como nas salas de aula, adquiriram a qualidade de conduta mental e social axiomática na vítima de semelhante condicionamento. É importante dar à vítima uma prótese pedagógica, por meio da qual a História lhe seja acessível do ponto de vista de sua limitada capacidade de compreensão. A propriedade da “câmara lenta” é mais ou menos evidente.

Para reunir a imagem em “câmara lenta” das origens, ascensão e queda da Londres imperial de Veneza, necessitamos a configuração de mais de seis séculos de acontecimentos, segundo os *tipos* principais, sob o governo de um terceiro *tipo*, que é a interação dos outros dois.

Em lugar de acomodar os acontecimentos na forma estúpida feita pelos eleáticos e sofistas, estatisticamente, apliquemos os ensinamentos do *Parmênides* de Platão; consideremos como acontecimentos decisivos das séries a qualidade característica de *mudança*¹⁰⁷, que define as relações entre grupos sucessivos de acontecimentos na seqüência histórica. Assim, *na primeira série*, temos mudanças geradas pelo advento do Renascimento; *na segunda série*, as mudanças geradas pelos princípios oligárquicos de Veneza e seus cúmplices; *na terceira série*, o princípio gerador é a interação entre as duas primeiras, sob o governo da interação entre os dois primeiros princípios geradores. É assim que a análise dos processos históricos se torna compreensível, pelo seu exame como processos compostos pela interação de *tipos*.

Consideremos alguns elementos relevantes dessa imagem em “câmara lenta” dos fatos decisivos. Bastam alguns deles para situar o caso de Conti e Ortes:

106. Daí provém as tentativas das personalidades típicas dos órgãos de difusão de nossos dias de cometerem sofismas e falsidades, os quais são apresentados eufemisticamente como direito da imprensa de “pensar com sutileza”, com o que se quer dizer “mentir temerariamente do modo mais descarado”.

107. Platão, *Parmênides*. O conceito de “mudança” de Platão é o mesmo delineado por Heráclito. Deste conceito platônico, Georg Cantor derivou a noção de um “princípio gerador” de formas auto-semelhantes de mudança, o que define um “tipo”. Cantor suablinha este vínculo explícito em suas comparações do *Vir a Ser* de Platão com o seu próprio *transfinito*, e do *Bem* de Platão com o seu próprio *Absoluto*.

Meados do século 14: Uma reação em cadeia de alavancagem inversa afunda o sistema financeiro semiglobal dominado por Veneza, levando a Europa ao caos total e fazendo em pedaços, temporariamente, muito do poder oligárquico de Veneza e seus cúmplices.

Meados do século 15: A reunificação temporária dos ritos oriental e ocidental das igrejas cristãs, no Concílio de Florença de 1439-1440, põe em movimento uma revolução nas instituições políticas, cujo surgimento ameaça as tentativas de Veneza de recobrar o poderio mundial, que havia desfrutado no século 13.

Final do século 15: Veneza lança uma contra-ofensiva, cujo propósito é destruir o Renascimento. Na frente intelectual, mobiliza o Aristóteles averroísta das seitas gnósticas dos séculos 12 a 14. Por outro lado, a espionagem e a diplomacia venezianas recrutam os gregos do monte Athos para que traíam a Grécia frente à conquista otomana e se aliem aos líderes de Moscou contra o Renascimento.

Início do século 16: O Papado se alia à França e outras potências européias, a Liga de Cambrai, em uma aliança que se compromete a destruir o inimigo usurário da Civilização, Veneza. Em 1508-09, quando as forças da Liga estão a ponto de acabar com a adversária, esta contrata com os seus “quinta-colunas” da corrupção, para fazer lutarem entre si os aliados da Liga. Veneza passa então à ofensiva, posição que mantém até os nossos dias.

Início do século 16: Veneza usa os seus instrumentos oligarcas do norte da Alemanha para instigar o cisma dirigido por Martinho Lutero. O cisma se orchestra mediante o financiamento da edição das obras de Lutero, o controle das finanças do imperador Habsburgo Carlos V, à época também rei da Espanha, e o papel “pacificador” do aristotélico antirrenascentista veneziano Gasparo Contarini.

1517-82: Os serviços de inteligência venezianos se mobilizam na Inglaterra dos Tudor, importantíssimos aliados da Espanha e França. A família Howard, agentes venezianos na Inglaterra, mobiliza a sedutora Ana Bolena para corromper o rei Henrique VIII¹⁰⁸. A luxúria que esta desperta no rei o torna um estúpido obeso, manipulado por Veneza. As relações da Inglaterra com a Espanha e França só voltam a ser amigáveis depois das guerras napoleônicas e suas conseqüências, após 1814, quando

108. Sobre o papel dos Howard no divórcio de Henrique VIII e Catarina de Aragão, ver Betty Behrens, “A Note on Henry VIII’s Divorce Project of 1514”, *Bulletin of the Bolton Institute of Historical Research*, Vol. II, 1934, pp. 163-4. Quanto ao papel de

a França da Restauração e de Napoleão III, após o Congresso de Viena, se converte em catamita política *de fato*, sob o domínio da Londres imperial¹⁰⁹.

1582 em diante: Após uma luta faccional dentro da oligarquia veneziana, a facção dos *Giorgi* (“Os jovens”), encabeçada por Paolo Sarpi, assume a liderança¹¹⁰. Veneza está resolvida a basear sua estratégia fazendo das regiões protestantes do Norte o seu bastião contra as forças antivenezianas das regiões francesas e espanholas, mais próximas do Papado. Na realidade, Veneza, como de costume, manipula ambos os lados em um jogo de “equilíbrio de poder”.

Século 16 e começo do 17: Veneza põe em marcha o empirismo, por meio de vários seguidores de Pedro Pomponazi, aristotélico de Pádua, como o famoso Francesco Zorzi (“Giorgi”)¹¹¹. Após a vitória da facção de Sarpi, em 1582, as tentativas de destruir o método científico de Platão, Nicolau de Cusa, Leonardo da Vinci e outros se tornam mais enérgicas e Veneza adota personagens como Galileu, Francis Bacon, Robert Fludd etc., como parte do desdobramento do empirismo, para destruir a

Veneza na sedução de Henrique VIII por Ana Bolena, ver Christina Nelson Huth, “The Life and Death of St. Thomas More”, *The New Federalist*, Vol. 3, No. 14/15, 24/3/1989, 31/3/1989.

109. O acontecimento mais revelador do caráter de Restauração da monarquia francesa foi a expulsão de Gaspard Monge e seu programa educativo, juntamente com Lazare Carnot (líderes da ciência mais adiantada do mundo), e a sua substituição pelos velhos newtonianos LaPlace e Cauchy, homens do abade Moigno. A ciência francesa sobreviveu na Alemanha sob o patrocínio de Alexander von Humboldt e seu irmão Wilhelm. De 1827 ao fim da Primeira Guerra Mundial, a vanguarda científica mundial esteve na Alemanha dos Humboldt. Luis Napoleão Bonaparte (também conhecido como Napoleão III ou Napoleãozinho) foi um agente de influência do serviço de inteligência exterior britânico, levado ao poder por lorde Palmerston, primeiro como presidente e, depois, como imperador. Sua política foi sempre a de manter a França como sócio minoritário do Império Britânico, até o extremo de criar um império colonial francês menor, como sócio minoritário do grande império colonial britânico. É irônico que Palmerston tenha perdido a sua posição de primeiro-ministro, tendo sido rebaixado a ministro de relações exteriores, por ter levado Napoleão III ao poder. A rainha Vitória, que nem sempre entendia os métodos tortuosos usados para levá-la ao trono imperial britânico, ficou desgostosa com seu primeiro-ministro, que substituiu um monarca, embora francês, por um plebeu como o sobrinho de Napoleão Bonaparte.
110. Ver nota 79.
111. Francesco Zorzi (Giorgi), *De Harmonia Mundi* (1525). Zorzi, monge e rebento de famosa e poderosa família nobre veneziana, escreveu este livro baseado em grande parte no cabalismo, como ataque explícito à *Docta ignorantia* de Nicolau de Cusa. Zorzi ganhou influência na corte de Henrique VIII depois de escrever um opúsculo apoiando o desejo de Henrique de se divorciar de Catarina de Aragão e poder levar para o leito a carne dos Howard, a tentadora Ana Bolena. Zorzi permaneceu na Inglaterra de 1531

vitalidade da ciência por dentro¹¹².

Início do século 17: Veneza manipula a irrupção da chamada Guerra dos 30 anos (1618-48), que destrói a Alemanha e a maior parte do resto do Norte e da parte central da Europa, enquanto termina com o já debilitado poderio da Espanha.

O papa destaca o diplomata do Vaticano Mazarino como candidato à sucessão de Richelieu na França¹¹³: Com os conflitos perpétuos que orquestrava entre a França e os interesses dos Habsburgos, Veneza sangrava a Europa, o que ameaçava mergulhar o continente numa “nova idade de trevas”. O resultado foi uma paz mais ou menos estável, organizada em grande parte por Mazarino, no período 1648-52. O talentoso Colbert, protegido de Mazarino, se converte temporariamente no poder por trás do trono (eminência parda) de Luís XIV (1662-83)¹¹⁴.

A partir de 1666, Veneza organiza 130 anos de guerra quase contínuas e intrigas internas desgastantes contra a sua principal adversária, a França¹¹⁵, até que o poderio francês se arruína e o país cai praticamente sob o domínio britânico, em 1815.

Início do século 18: Londres cai cada vez mais sob a direção do controlador da inteligência veneziana, o abade Antonio Conti;

1763-93: Londres organiza e depois coordena a Revolução Francesa, de 1789-93. Em 1763, lorde Shelburne encarrega Adam Smith de vários projetos destinados a provocar a ruína da França e esmagar as aspirações de desenvolvimento econômico e a autonomia das colônias inglesas da América do Norte¹¹⁶. Shelburne, na qualidade de primeiro-ministro da Grã-Bretanha, realiza negociações secretas de paz com os

até a sua morte, em 1540. Sua obra teve significado particular ao introduzir os dogmas pseudocientíficos, logo defendidos por Francis Bacon sob o nome de empirismo, e ao assentar as bases doutrinárias cabalistas das seitas maçônicas rosacruzes de Robert Fludd e Elias Ashmole, entre outros. Ver nota 239.

112. Ver a seção seguinte.

113. Sobre Mazarino, ver Anne-Marie Cabrini, *Mazarin, Aventure et Politique*, Editeur Bonne, Paris, 1962.

114. Sobre Colbert, ver *Lettres, instructions et mémoires de Colbert*, 8 v., editados por Pierre Clément (Paris, 1861-82) (Nandeln, Kraus Reprint, 1979).

115. A Inglaterra e a posterior “tríplice aliança” guerrearam contra a França de 1666 a 68; depois, a Inglaterra tomou parte na guerra holandesa de 1672-78, como aliada secreta dos Países Baixos; na Guerra Palatina de 1689-97; na “Guerra de Sucessão da Espanha” (1701-14) etc. Ver H. Graham Lowry, *How the Nation was Won, America's Untold Story*, Vol. I, Executive Intelligence Review, Washington, pp. 59-233, onde são descritos os acontecimentos ingleses de 1701-14 do ponto de vista das colônias inglesas da América do Norte.

EUA e a França; como condição, impõe a nova receita de Adam Smith, o “livre comércio”, com a intenção de falir a ambos. Em 1789, agentes da inteligência britânica, como o duque de Orléans, Robespierre, Danton e Marat, todos manipulados pelo chefe da inteligência exterior britânica de Shelburne, Jeremy Bentham, mergulham a França nas obscenidades do golpe de Estado e do domínio dos jacobinos.

Início do século 19: Após a derrota da França e de adquirir um virtual domínio sobre o país, Londres prepara a destruição dos EUA¹¹⁷ e dos principais aliados que a ajudaram a combater a França, nas guerras de 1789 a 1815. Contra os EUA, emprega os cúmplices do agente da inteligência britânica Aaron Burr, os traidores comerciantes de ópio da “Convenção de Hartford”. Contra as suas antigas aliadas, Espanha, Rússia e Áustria-Hungria, emprega Napoleão III, agente de influência britânica, e as redes neojacobinas radicais do também agente da inteligência britânica Giuseppe Mazzini¹¹⁸.

Final do século 19: Londres organiza uma futura guerra geral na Europa, cujo propósito é eliminar qualquer resistência européia ao “império federalista mundial”. Os principais alvos da destruição mútua serão a Rússia, Áustria-Hungria, Alemanha e o Império Otomano. O principal motivo “geopolítico” dos planos de Londres para provocar a guerra é a colaboração entre o conde Sergei Witte, ministro russo, e Gabriel Hanotaux, ministro francês, que girava em torno de vários programas de construção de ferrovias na Eurásia. *Se tais planos tivessem sido executados como proposto por eles, as esperanças britânicas de um império mundial se veriam desfeitas, graças ao desenvolvimento econômico da Eurásia, que teria resultado dos programas de Witte.*

Final da Primeira Guerra Mundial: Assumem o poder os utópicos federalistas mundiais, núcleo da facção veneziana encabeçada por Bertrand Russell e H.G. Wells, este último diretor de inteligência britânica exterior durante a guerra. Londres julga que as ruinosas consequências da guerra abrem caminho às tentativas de estabelecer um governo mundial único, segundo as linhas utópicas de Veneza.

Depois de 1953: A morte do secretário-geral soviético Josef Stálin

116. Edmund Fitzmaurice, *op.cit.* Shelburne encarregou Adam Smith, empregado da Companhia das Índias Orientais, de preparar o esquema de pesquisa do que seria a *Ascensão e queda do Império Romano*, de Edward Gibbon.

117. *Ibid.*

118. Anton Chaitkin, *Treason in America, from Aaron Burr to Averell Harriman*, 2nd. ed., New Benjamin Franklin Publishing House, New York, 1985. Ver também a nota 30.

aplaina o caminho para que Moscou se renda às exigências de Bertrand Russell, de um condomínio nuclear entre os blocos das superpotências, como base para converter a ONU em uma ditadura mundial. Os utópicos anglo-americanos se mobilizam para deslanchar, a partir de 1964-66, o fim do progresso científico (o paraíso “pós-industrial”), com a imposição da “contracultura” da libertinagem sexual, do rock e das drogas destruidoras da mente, começando pelos estratos juvenis universitários dos EUA e Europa.

Depois de 1989: A Londres da primeira-ministra Margaret Thatcher considera a queda do Muro de Berlim como o fim da controvérsia das superpotências¹¹⁹, o que pavimentaria o caminho para transformar de imediato a ONU em um “governo mundial” ditatorial, *que suprima tanto a instituição do Estado nacional republicano moderno como o progresso científico*.

Passaram-se mais de 550 anos desde as transcendentais decisões tomadas no Concílio de Florença. Já se passaram mais de 650 anos desde que explodiu a grande bolha da dívida do século 14, fato que deu oportunidade a que o Renascimento enfrentasse o oligarquismo de Veneza. Embora as instituições políticas que o Renascimento criou fossem novas, as questões subjacentes não o eram.

119. As discussões semi-oficiais deste autor com representantes do governo soviético, 1982-83, sobre o que viria a ser conhecido como Iniciativa de Defesa Estratégica (SDI), já haviam produzido um agourento presságio da explosão que provocaria, em Moscou e entre os amigos de Londres e os serviços de inteligência dos EUA, o anúncio feito pelo presidente Ronald Reagan, em 23 de março de 1983. A partir daí, mas sobretudo de 1985 em diante, em altos círculos da inteligência ocidental, manifestaram-se vários que pareciam então simpatizantes muito estranhos do prolongamento do sistema soviético. A Liga Anti difamação da B'nai B'rith (ADL) e o Congresso Judaico Mundial (JWC), organizações dirigidas por Edgar Bronfman, colaboraram estreitamente com o KGB e certas agências da Alemanha Oriental, por exemplo, até depois das últimas semanas de 1989. A primeira-ministra Margaret Thatcher e seus mexeriqueiros porta-vozes Conor Cruise O'Brien e Nicholas Ridley, expressaram a política de seu governo com ataques à Alemanha Ocidental, acusada de estar a ponto de se converter no *Quarto Reich*, como parte do esforço de Thatcher de apoiar o sistema soviético. O temor era geopolítico - que a Alemanha tomasse a dianteira no esforço de integrar as economias do bloco oriental, mais ou menos intactas, ao Ocidente e, assim, se fortalecesse, em lugar de destruir o sistema de Estados nacionais soberanos e o progresso tecnológico. Thatcher e Bush estavam decididos a provocar a destruição das economias de todo o antigo setor soviético, com métodos como os de George Soros e seus protegidos, como o professor Jeffrey Sachs, de Harvard, o que conseguiram. Deste modo, destruindo a agricultura e a indústria do bloco oriental, acelerou-se a deterioração das economias ocidentais.

A perversidade do oligarquismo é mais velha que a Babilônia. Na história européia¹²⁰, a guerra entre Veneza e o Concílio de Florença é um eco da guerra entre os seguidores de Platão e os do oligarca Aristóteles, o irreconciliável conflito entre a constituição da Atenas de Sólon e o sistema escravagista oligárquico da Esparta de Licurgo, o que, a esta altura, representa para nós um lapso de 2.350-2.600 anos.

Aqui, o que nos importa é reconhecer o que significa a influência de Ortes - morto há mais de 200 anos - não somente em Bertrand Russell e caterva, mas também no que se espera a curto prazo para o mundo, inclusive os EUA. Aquilo que nos preocupa implicitamente é como conformar a nossa resposta prática aos acontecimentos atuais. A resposta é que temos que ver os acontecimentos atuais a partir de origens que remontam, de forma mais imediata, a várias centenas de anos, pelo menos. Para que este conceito seja completamente compreensível de maneira prática, temos que abandonar as fantasias mecanicistas do espaço-tempo cartesiano e adotar em seu lugar um conceito verdadeiro da História, no espaço "delimitado" que abarca 30-130 gerações.

A História em cronologia

Antes de prosseguir o exame do processo de 650 anos que acabamos de ilustrar com a nossa série de fatos importantes, tentemos definir o que uma magnitude de 650-2.600 anos representa para a compreensão dos acontecimentos atuais.

Passando por cima dos detalhes, as glaciações estão determinadas por ciclos astrofísicos de cerca de 100.000 anos, com períodos

120. A história européia se inicia quando os gregos saem da "era de trevas" do analfabetismo, ou seja, quando foram compostas a *Ilíada* e a *Odisséia*. Nessa época da história européia, a questão decisiva era a ameaça de Babilônia e Tiro (Canaã), em contraste com as relações mais amistosas com o adversário principal de ambas, o Egito da época de Sólon ou a Cirenaica (Líbia) da época de Platão e Alexandre Magno. Os acontecimentos centrais se deram por volta de 599 a.C., quando Babilônia esmaga a revolta das cidades-estados jônicas e Sólon empreende suas reformas constitucionais em Atenas. A famosa conferência de Friedrich Schiller em Jena remonta toda a história européia moderna ao conflito entre os sistemas jurídicos da Atenas de Sólon com a sociedade escravocrata da Esparta de Licurgo. A guerra entre o Concílio de Florença e os oligarcas de Veneza é uma reencenação moderna do conflito entre a Academia de Platão e Babilônia, entre os sistemas jurídicos de Sólon e Licurgo, entre Platão e o oligarca Aristóteles.

interglaciares de aquecimento de aproximadamente 10.000 anos¹²¹. Estima-se atualmente, segundo os indícios, que a Humanidade já existe no planeta pelo menos há dois milhões de anos. O final da última glaciação começou há menos de 20.000 anos e os oceanos chegaram ao seu nível atual mais ou menos em meados do segundo milênio antes de Cristo, na época em que os ancestrais dos gregos invadiam a região do Mediterrâneo em seus barcos estilo viking, os “povos do mar” descritos nas representações egípcias da época¹²². A geografia da maior parte do Hemisfério Norte, o curso dos rios e o nível dos oceanos e mares se alterou radicalmente nos últimos 200.000, ou talvez 100.000 anos de glaciação¹²³.

Que fração tão pequena da existência humana ocupam estes últimos 2.600 anos de história européia - talvez, cerca de 1%! Mas, os registros arqueológicos e os dados demográficos objetivos indicam que a capacidade da Humanidade para sobreviver cresceu mais, nos últimos seis séculos da história européia, a partir do Renascimento, do que durante toda a existência humana anterior, ou seja, em cerca de 0,2% de toda a existência humana, no máximo. Por conseguinte, conhecemos muito mais sobre o homem, sobre a “natureza humana”, a partir dos últimos seis séculos de desenvolvimento, por conta da civilização européia, do que nos milhões de anos anteriores. Quando levamos em conta o que o desenvolvimento da civilização européia deve ao efeito do ministério de Jesus Cristo sobre os níveis de conhecimento atingidos pela Academia de Platão em Atenas, o peso relativo dos últimos 2.600 anos de cultura européia é verdadeiramente assombroso.

A chave dessa ciência da História, que é preciso dominar para entender em sua essência questões como o caso veneziano de Russell e o

121. Laurence Hecht, “The Coming (or Present) Ice Age”, *21st Science & Technology*, Vol. 6, No. 4, Winter 1993-94.

122. Já que, por razões de economia física, sabemos que as chamadas culturas “ribeirinhas” construtoras de cidades de que nos informam os arqueólogos não podem ter surgido de forma autônoma da “caça e coleta” terra adentro, a regressão da glaciação do Hemisfério Norte (mais ou menos desde 18.000 a.C. até o segundo milênio antes de Cristo) deve ter sepultado muitos restos da história destes milênios sob muitos metros de água e lodo. Devido ao fluxo energético dos nutrientes nos diferentes estágios da tecnologia das culturas, o desenvolvimento da agricultura até o grau representado por culturas ribeirinhas, como a do Egito, não pode ter ocorrido de forma autônoma, senão por meio de assentamentos costeiros quase marítimos, que se sustentavam pela pesca em estuários e mares. Estes seriam precisamente os sítios arqueológicos sepultados atualmente sob muitos metros de material acumulado nos últimos 20.000 anos.

123. Estamos já a alguns milhares de anos do desenvolvimento de uma nova glaciação, por causas astrofísicas. Ver Hecht, *op.cit.*

“Império Brutânico”, é a diferença que coloca a Humanidade absolutamente aparte e acima dos animais. O homem é a única espécie manifestamente capaz de aumentar à vontade a sua capacidade de existir, per capita e por quilômetro quadrado. Este aumento se baseia em descobertas, por exemplo, descobertas cientificamente válidas de princípios da natureza, que, com respeito a qualquer esquema lógico formal, têm um caráter axiomático-revolucionário.

O desenvolvimento do conhecimento humano, empregado com este propósito, é a característica da existência humana que não existe em nenhuma espécie animal, de forma que a própria existência da Humanidade e de sociedades particulares nunca se baseia em traços hedonistas, como os que caracterizam qualquer espécie animal, ou a mera interação ordinária entre as formas de vida inferiores de um determinado meio ambiente. A existência humana se caracteriza pelo desenvolvimento de idéias que, por sua própria natureza, afetam a capacidade de existência da Humanidade, per capita e por quilômetro quadrado.

Assim, a História só pode ser descrita de maneira verdadeiramente racional se for vista como a história prática do surgimento axiomático-revolucionário e o desenvolvimento e interação subseqüentes de tais idéias. Os grandes períodos da História, como o conflito que deu forma aos últimos seis séculos de história européia, representam o desenvolvimento e interação de tais idéias em sua prática e o seu efeito, precisamente, sobre o desenvolvimento de idéias semelhantes.

O conceito de *punctum saliens* (ponto principal), a que se referia Schiller quando expunha os princípios de composição da tragédia¹²⁴, se expressa apropriadamente como acabamos de descrever. Para se compreender os processos históricos, é preciso entender cada grande período da História da maneira que acabamos de esboçar. Logo, é preciso permitir que os *tipos* de idéias representados nesta História atuem em nossa mente como se esta fosse o seu palco. Devemos reconhecer esta ação recíproca, dentro do desenvolvimento da História real, comparando a interação real manifestada no cenário histórico.

Deste modo, conquanto integrante do público, o indivíduo começa a participar da história que se desenvolve no palco, em lugar de ficar olhando e comentando tolices com outros espectadores da catástrofe que presenciam. Estes saem da representação mais sábios e nobres do que quando entraram no teatro. Este é o princípio de composição da tragédia clássica, aplicado ao assunto da compreensão da História real. Este é o

124. Ver nota 71.

princípio a que nos referimos aqui, por meio da exposição socrática.

No instante em que situamos a nossa identidade pessoal no domínio dessa visão da história das idéias, transcendemos o breve lapso de nossa existência mortal. No instante em que participamos da história prática das idéias como tais, o lapso de seis séculos de teatro clássico da história real se converte em um drama no qual temos um papel, no qual cada um de nós tem o seu lugar pessoal. Assimilamos as idéias que se desenrolam ali e atuamos sobre elas. Podemos assimilar estas idéias e entendê-las como *tipos*. Podemos atuar sobre elas, estes *tipos* de idéias. Desta forma, transcendemos eficientemente os diminutos confins do tempo e do espaço da nossa existência mortal, para entrar na história global das idéias na escala de séculos e milênios.

Essa mudança de ponto de vista nos dá uma perspectiva muito mais elevada e muito melhor para compreender o conjunto dos acontecimentos em que se insere a nossa existência mortal. É deste ponto de vista que o obscuro se torna transparente, que a influência de Bertrand Russell pode ser localizada eficientemente, dentro da influência da tertúlia de Conti sobre a Grã-Bretanha do século 18 e que a Grã-Bretanha se situa em suas verdadeiras origens, nos últimos seis séculos de tentativas de Veneza de erradicar as inovações institucionais do Renascimento. Isto nos coloca em condições de examinar mais detalhadamente a relação eficiente entre Conti, Ortes, William Fitzmaurice Petty (lorde Shelburne) e Russell. Examinaremos, a seguir, os aspectos decisivos das mudanças que marcam a transição do adorado David Hume de Bertrand Russell, da condição de seguidor de Locke para seguidor, como o próprio Russell, do Giammaria Ortes, da tertúlia do veneziano Conti.